



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH IV

EDINAILSA CARNEIRO DIAS

O texto literário na sala de aula: dificuldades de leitura

Jacobina
2013

EDINAILSA CARNEIRO DIAS

O texto literário na sala de aula: dificuldades de leitura

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas – Campus IV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial à obtenção da graduação em Letras Vernáculas, elaborada pela aluna Edinailsa Carneiro Dias sob orientação do prof^o Joabson Lima

Jacobina
2013

AGRADECIMENTOS

A busca pelo que almejamos nem sempre é fácil, mas desde que nos dediquemos o resultado obtido com certeza é satisfatório e aqui está o resultado que tanto busquei. Agradeço primeiramente ao meu Deus por ter me dado discernimento e me guiado até aqui, a minha família e namorado por todo apoio e torcida. O meu agradecimento também ao prof^o orientador Joabson Lima e a professora Patrícia Vilela pela paciência e por me orientar nesse percurso da produção indicando as melhores linhas a serem seguidas.

A todos, muito obrigada!

“Em educação, estamos em permanente processo de análise e reestruturação de ações. Nada impede que o nosso referencial de hoje torne-se inconsistente e venhamos a buscar novos referenciais. Ocorre que, enquanto estivermos atrelados a um discurso, devemos agir completamente de acordo com ele. E, quando este já não é satisfatório, devemos estudá-lo e alterá-lo. Ser ético implica aliar teoria e prática na melhor maneira possível. Agir com ética em educação é ensinar o que se faz e fazer o que se ensina.”

Cíntia Marques Pizarro

RESUMO

: A leitura é uma das práticas mais importantes da escola, pois a partir dela todas as outras atividades podem ser compreendidas, desenvolvidas e avançadas. Com isso o presente trabalho expõe pensamentos dos alunos e professores a respeito da leitura de obras literárias em uma turma do ensino médio da cidade de Jacobina-BA. A pesquisa foi feita através de questionários respondidos pelos alunos e entrevistas aos professores, com o objetivo de compreendermos e conhecermos melhor as principais dificuldades encontradas por esses alunos e os principais motivos que os levam a desmotivar-se por essa prática.

Palavras-chave: Literatura, Dificuldades de leitura, Textos literários

ABSTRACT:

Reading is one of the most important practices of the school, because from it all other activities can be understood, developed and advanced. Thus this paper presents the thoughts of students and teachers about the reading of literary works in a high school class of Jacobina, Bahia. The survey was conducted through questionnaires answered by the students and teacher interviews, in order to better know and understand the main difficulties faced by these students and the main reasons that lead them to discourage this practice by yourself.

Keywords: Literature, Reading difficulties, Literary texts

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Sexo dos alunos _____	37
Gráfico 02: Quantidade de obras literárias lidas _____	38
Gráfico 03: Maiores influenciadores de leitura _____	39
Gráfico 04: Contribuições que a leitura traz ao leitor _____	42
Gráfico 05: Preferências dos alunos sobre métodos de avaliações da leitura _____	51

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Fachada do colégio Deocleciano Barbosa de Castro	36
Imagem 02: Quem mais influenciou os leitores a ler	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- O TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA	
1.1 O que é Literatura/ texto?	11
1.2 O que é leitura e o papel do professor no trajeto da leitura	13
1.3 O ensino de Literatura nas escolas	18
2- DIFICULDADES DE LEITURA	
2.1 Escolarização dos cânones	24
2.1.1 Orientações curriculares	27
2.1.2 Provas avaliativas	30
2.2 Questões de Alfabetização e Letramento	32
2.3 Acesso à leitura	33
3- ANÁLISE DOS DADOS	
3.1 Contextualização da pesquisa	35
3.2 Perfis dos alunos	36
3.3 Sobre leitura	38
3.4 Quanto às obras literárias	43
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5- REFERÊNCIAS	55
6- ANEXOS	57

INTRODUÇÃO:

A leitura na sala de aula abre espaço para pesquisa em diversas perspectivas, entre elas, inquietou-me bastante a rejeição dos alunos à leitura de obras literárias acompanhadas de reclamações que venho presenciando nas nossas escolas.

O período escolar de alunos do 3º ano do Ensino Médio apresenta-se sobrecarregado de cobranças, preocupações pessoais, profissionais, inclusive nas preparações para as provas avaliativas de vestibulares, entre outros agitados, correspondentes a adolescência (geralmente jovens). Toda essa turbulência e a falta de tempo dos alunos (partilhado também com o uso da internet) ainda precisam ser divididas com a leitura de clássicos literários, cobrados nos vestibulares e exigidos pelos professores.

Mediante a solicitação do professor para a leitura de uma obra literária normalmente ouve-se bastantes reclamações e porque não dizer lamentações. Essa situação se encontra cada vez mais comum nas escolas e parece ser uma realidade estagnada. No entanto, não podemos negar a valiosa transmissão de conhecimento, de visão de mundo e de cultura que as leituras podem nos trazer. Sendo assim, a rejeição pela leitura traz muitos prejuízos para a formação do aluno leitor.

É necessário nos questionar a respeito desse problema: a que ou a quem se deve tais dificuldades? O que contribui para tornar as obras literárias muitas vezes assustadoras, vazias de contexto para alguns leitores? Pensando nisso, procuramos desenvolver uma pesquisa voltada para a leitura no último ano letivo do Ensino Médio, uma vez que há cobrança por esse tipo de leitura, em razão das provas avaliativas para ingresso no nível superior. Com o objetivo de entendermos as visões dos alunos sobre essas obras, o que pensam os professores sobre o trabalho com a leitura dos cânones e o que os docentes acham sobre a leitura dos alunos fez-se necessário o desenvolvimento deste estudo. Discorreremos com base em teóricos, os problemas e as possíveis soluções encontradas durante o percurso da pesquisa para que possamos alcançar, mesmo que timidamente, uma compreensão dos problemas, nos levando a um maior conhecimento sobre eles, principalmente como professores atuantes de Literatura.

Essa inquietação se desenvolveu no meu período colegial, quando presenciava as reclamações dos colegas; com o ingresso no Curso de Letras Vernáculas senti a necessidade de ter uma visão maior sobre esse problema, que me direcionou a

realização desta pesquisa, sendo uma oportunidade para reflexão sobre a nossa prática pedagógica.

A pesquisa é de cunho qualitativo/quantitativo, pois a partir dos dados coletados fizemos uma interpretação; a pesquisa bibliográfica se desenvolveu com base em teóricos como Larisa Majolo, Ezequiel Theodoro Silva, Angêla Kleiman, entre outros renomados, fazendo uso do estudo etnográfico, já que a etnografia busca a descrição da cultura (prática, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) (ANDRE, 2005, p.28) . A pesquisa se desenvolveu em uma turma do 3º ano do Ensino Médio, no Colégio Deocleciano Barbosa de Castro na cidade de Jacobina-BA.

Como métodos de coleta de dados, utilizamos entrevistas com dois professores, atuantes da área da Literatura, onde buscamos informações sobre o critério de escolha das obras, a opinião dos professores sobre a leitura dos alunos, entre outros, aprofundando as questões e buscando esclarecer os problemas baseado em teóricos. Aplicamos dois questionários aos os alunos, com perguntas em vista a descobrir o que pensam estes em relação à leitura na escola, suas dificuldades, suas opiniões, entre outros, buscando entender a percepção do aluno em relação a prática da leitura de obras literárias.

No primeiro capítulo fizemos uma reflexão sobre o texto literário na escola, aprofundando os nossos conhecimentos sobre os principais conceitos de Literatura, Leitura, Ensino de Literatura nas escolas e o papel do professor na aprendizagem da leitura; Sequencialmente, no segundo capítulo, foram esboçados as principais dificuldades de leitura apontadas por teóricos, às quais envolvem a escolarização dos cânones, questões de Alfabetização e Letramento e o problema do acesso à leitura. No 3º capítulo introduzimos uma análise dos dados coletados à luz de teóricos para uma melhor interpretação.

1 O TEXTO LITERÁRIO NA ESCOLA

1.1 O que é Literatura/ texto?

Muito se discute sobre o conceito de Literatura. Mas o que realmente é? O conceito mais antigo que conhecemos vem de Aristóteles, que acreditava que a Literatura “ é a imitação da realidade”, Concordamos também, que seja essa a essência principal da Literatura, já que é a própria arte e esta tem o poder de brincar com a realidade.

De acordo com Massaud Moisés:

O vocábulo “literatura” provém do Latim *literatura (m)*, que por sua vez deriva de *littera, ae* e significa o ensino das primeiras letras. Com o tempo, a palavra ganhou sentido de *arte das belas letras*, ou *arte literária*. (MOISÉS, 1928, p.17)

Portanto, a Literatura refere-se à arte literária. Sendo, por sua vez, escrita. Este é o principal produto da Literatura: o texto. Salvatore D’Onofrio nos indica que:

A palavra texto etimologicamente deriva do termo latino *textum*, que significa tecido, um produto composto pelo entrelaçamento de uma multiplicidade de fios, reacionado com vários cognatos: *têxtil*, *textura*, *tecelagem*. (D’ONOFRIO, 2022, P.29)

Na arte da Literatura o texto indica um conjunto de palavras que juntas produzem sentido, desde uma frase a um livro inteiro. Um poema, uma peça teatral ou um romance são textos porque são um conjunto de elementos encadeados que permitem interpretação e produzem uma mensagem.

No entanto, nem todo texto escrito é literário. Há diversos tipos de textos: científicos, jornalísticos, midiáticos, entre outros. Cada texto exerce uma função, tem uma intencionalidade e características próprias. O texto literário não tem uma funcionalidade financeira, por exemplo, ele sozinho não prepara um aluno para uma profissão. Porém, ele entre vários benefícios à formação do indivíduo tem a capacidade de sensibilizar as pessoas, entreter, exercitar a mente humana, fortalecer culturas e permitir que elas não se percam ao longo do tempo, além contribuir no desenvolvimento do raciocínio dos indivíduos. Suas principais características são a ficção e a linguagem como anteriormente citadas aqui.

Assim, a Literatura tem como suporte os gêneros literários – assim classificados de acordo com os critérios de forma/conteúdo – essencialmente em duas formas: a

poesia e a prosa. A primeira subdivide-se em lírica e épica. Enquanto que a prosa engloba o conto, a novela e o romance.

Outras áreas como a ciência, a filosofia e as religiões também utilizam a linguagem, porém de forma univalente, enquanto que a Literatura se delicia com a linguagem poética, intuitiva, metafórica e/ou dramática, falando sobre os mais variados assuntos de forma artística e deleitosa. Assim sendo, utiliza a linguagem polivalente, aproveitando de figuras de linguagens, principalmente a metáfora, como principal “truque”. Dessa forma consegue dar às palavras diversos significados dentro do texto.

Para Moisés (1928), “a Literatura é um tipo de conhecimento exposto por palavras de sentido polivalente”. Logo, a Literatura é um tipo de conhecimento - dado que se trata de uma identificação entre o sujeito e o objeto – pois ela diz coisas acerca dos homens e da vida humana. Interessa a Literatura tudo que pertence a esfera do humano, mesmo que venha misturado à fantasias, magias e assuntos sobrenaturais que fazem parte da imaginação.

A imaginação é o ponto de partida para o conhecimento, e este também nos leva a arte. Esta, imita fatos e pessoas reais, reproduz ou recria situações, dando liberdade para o autor impregnar sua visão e suas intenções enquanto artista, tendo livre arbítrio para reproduzi-la de acordo as suas ideologias. Segundo Moisés:

Por isso podemos dizer que a Literatura é ficção. E se entendermos os conteúdos da ficção como compostos das imagens deformadas e transfundidas do mundo real, é imediato assentar que ficção e imaginação se equivalem, e um termo pode ser perfeitamente tomado um pelo outro. (MOISÉS, 1928, P. 37).

Contudo, a Literatura não é apenas entretenimento, ela tem a função de humanizar, criticar, denunciar, e constitui uma forma de conhecer o mundo, as culturas e os homens. É a melhor maneira de ter uma visão a partir da realidade do outro. Portanto, Literatura é a linguagem carregada de significados e de conhecimentos. De acordo com Afrânio Coutinho:

O artista literário cria ou recria um mundo [...] São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido de vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida. A Literatura é, assim, vida, parte da vida, [...]. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (COUTINHO, 1976, P. 59)

Então, Literatura é ficção e conhecimento sempre ligado a linguagem. Envolvida com o ser humano ou com características humanas, tentando ampliar a nossa visão sobre as angústias, as alegrias, os medos, as dúvidas e demais sentimentos presentes nas pessoas e que são despertados das mais variadas formas nas diferentes personalidades. Ou seja, ela nos proporciona um contato com um conjunto de experiências vividas pelos seres humanos.

Vale lembrar da importância enquanto comunicação, já que são obras escritas, perduram por várias épocas, levando culturas e linguagens de determinados períodos. Assim, podemos conhecer em determinadas épocas como se comportavam as sociedades, os temas mais discutidos, os preconceitos, as linguagens utilizadas, etc. nos dando uma visão mais ampla da sociedade em outros períodos da história.

Por tudo isso foi atribuído à Literatura certa superioridade sobre as demais formas de cultura. Isso se deve ao fato de alguns segmentos –considerados cultos- da sociedade, como escolas e universidades exigirem e influenciarem a sua leitura. Dessa forma, foi associado o status de culto para àqueles que fazem uso da leitura, ocorrendo assim, uma espécie de supremacia do texto literário sobre os demais textos fazendo com que algumas produções galgassem a condição de ícone ou cânone cultural. Citada como uma arte a literatura clássica, canônica e mais refinada se apresenta para muitos como algo inacessível e difícil de ser entendido. Entretanto, é importante utilizar-se de práticas educativas que aproximem os alunos da beleza literária e das possibilidades de conquista de toda e qualquer forma de texto, sobretudo os de valor artístico e social.

1.2 O que é leitura e o papel do professor no trajeto da leitura

Como anda a leitura dos nossos alunos em sala de aula? O que podemos dizer quando nos referimos à leitura? Há diversos conceitos que podem ser explanados sobre essa prática e a forma como a leitura é vista influencia o sentido pelo qual ela é trabalhada. Sendo esta uma das práticas mais importantes da escola, pois, ela serve de base para o desenvolvimento da escrita, da oralidade, da interpretação e consequentemente do entendimento de determinados textos, torna-se necessário que a leitura seja trabalhada com uma interação entre o texto, a sociedade, e o leitor tornando assim a leitura uma atividade proveitosa e prazerosa.

Ao trabalhar com a leitura de um determinado texto que o leitor não tenha conhecimento está se construindo uma leitura sem sentido tornando o seu entendimento desinteressante e dificultoso.

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; (SOARES, 2000, P. 18)

A leitura, então, é construção ativa, utilizando o conhecimento que se já se tem com o que está sendo lido. Outro ponto importante se refere a carga cultural e de leitura do leitor, já que isso contribui de forma significativa no desenvolvimento da leitura, mesmo esse conhecimento seja mínimo. Isso o ajuda a desenvolver objetivos de leitura, ainda que inconscientes, seja para aumentar seu conhecimento com informações novas, para sanar dúvidas ou mesmo para confirmar informações do seu conhecimento prévio. Ângela Kleiman, nos aponta uma discussão sobre estratégias de leitura nas suas “estratégias metacognitivas” ela trabalha com uma idéia de estratégia de “automonitoração da compreensão”, onde o aluno necessita ter objetivos na leitura. Quando não há objetivos formados, o leitor possivelmente enfrentará problemas com a compreensão:

Consideramos que a segunda estratégia, chamada de automonitoração da compreensão, será desenvolvida naturalmente, uma vez que o leitor tenha objetivos para sua leitura. Nesse caso, e só nele, o leitor ficará ciente de um problema de compreensão, porque passar o olho pela página não o levará a atingir seu objetivo. Passaremos a discutir então, ações pedagógicas que poderiam mostrar ao aluno a importância de ler com um objetivo e que poderiam suprir num primeiro momento, a ausência de objetivos definidos pelo próprio leitor. (KLEIMAN, 2010, P. 55)

Por isso os objetivos de leitura devem existir. A partir deles o leitor pode monitorar o nível de compreensão da sua leitura analisando até que ponto o seus objetivos foram atingidos. Além da compreensão, a existência de objetivos motiva o leitor e intensifica a sua leitura tornando possível a conclusão de determinada leitura.

Ler, é atribuir sentido ao texto levando-se em consideração as suas experiências de vida e conhecimentos prévios. Para Kleiman (2002), a leitura é um processo que se dá através da interação entre os diversos níveis de conhecimento do leitor: o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo; sendo assim, um processo interativo.

Além disso, é importante mencionar que uma leitura por obrigação é diferente de uma leitura feita por fruição num momento de deleite do seu leitor. Feita como obrigação ela vem acompanhada das ansiedades, limitação do tempo e com a provável desmotivação devido à cobrança da leitura. A leitura feita por prazer se torna agradável, pois o sujeito a buscou com um interesse particular, já o levando a um objetivo.

Outro termo é associado à leitura e tem forte contribuição nesse processo: O Letramento. Este se refere ao Letrar o sujeito e isso é mais que alfabetizar. É um conjunto de estudos que envolvem ler, escrever e o contexto ao qual o aluno está inserido. Isso se deve a importância da interpretação e do entendimento que se faz de determinadas leituras, nos quais vem apresentando um desempenho insatisfatório nas escolas. Para Magda Soares:

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2000, P.18)

Ler não é apenas decodificar. Durante algum tempo confundiu-se o real conceito do termo alfabetização, que sempre foi associado a uma forma restrita do ensino da escrita. Um indivíduo alfabetizado tem a capacidade de identificar as letras do alfabeto, dessa forma juntando e formando palavras, seja através da escrita ou da leitura. Enquanto que o letramento reflete no envolvimento e o uso nas práticas sociais de leitura e de escrita. Isso envolve ler, escrever, interpretar, inferir e usar a língua em diferentes situações fazendo uso dessas habilidades na sua vida.

Porém uma grande parte da população não é considerada letrada, justamente por não ter contato frequente com a leitura. O ideal seria formar uma consciência leitora, influenciando-os desde pequenos, a buscarem leituras, descobrindo pelas próprias mãos novas histórias. A falta desta busca é gritante, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela Fundação Pró-livro e pelo Ibope:

A pesquisa revelou uma queda no número de leitores no país: de 95,6 milhões, registrada em 2007, para 88,2 milhões, com dados de 2011. O índice representa uma queda de 9,1% no universo de leitores ao mesmo tempo em que a população cresceu 2,9% neste período. (Nerí, 2012, site G1 Educação)

Vale lembrar que existe um grande duelo na atualidade: Livro impresso X livro digital. Este último proporciona uma ampliação de acesso à leitura, porém exigem uma maior concentração dos leitores, já que possuem hiper links. Com isso há uma maior probabilidade de nos direcionarmos a uma outra leitura, fazendo com que haja uma

distração da primeira. Além disso, a sensação de prazer e de interação se mostra maior ao sentir o livro em nossas mãos.

Esse impasse somado ao aumento da cultura dos best sellers, produtoras de adaptações e resumos de obras encontrados facilmente com mérito da era digital pode acarretar um afastamento dos alunos ao livro, principalmente quando este é solicitado pelo professor. O acesso livre e disponível a essas grandes obras resumidas acaba induzindo muitos à fuga, especificamente àqueles que não gostam de ler.

Somado a importância de se conhecer mais sobre a leitura e a sua importância está a função do professor nesse trajeto. De acordo com Ezequiel Theodoro (1948) os problemas enfrentados pela leitura existem desde a formação dos professores: “Parece-me que os cursos de licenciatura (com exceção dos super-recentes programas de Literatura Infanto-juvenil) tocam por cima a problemática relacionada com o ensino da leitura, gerando despreparo e lacunas na formação dos professores.” Com isso, o que deveria ser a base para o trabalho com a leitura já revela-se insuficiente, fazendo com que os docentes não estejam profissionalmente preparados. De acordo com Theodoro essa preparação precisa ser introduzida nos cursos de graduação.

O professor que aprende a trabalhar com a leitura, com certeza faz um trabalho mais produtivo com os seus alunos, por que consegue ter uma percepção maior dos obstáculos que os discentes colocam e compreendem a importância de desenvolver nos alunos o hábito de ler. O aluno que é leitor tem uma maior capacidade de formar ideias, de defendê-las e ter discernimento nas suas atividades profissionais e escolares. Já que desde a escola a necessidade de ler é muito presente.

Em verdade, seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente _ isto ocorre porque o patrimônio histórico, cultural e científico da humanidade se encontra fixado em diferentes tipos de livros. Assim, o acesso aos bens culturais, proporcionado por uma educação democrática, pode muitas vezes significar o acesso aos veículos onde esses bens se encontram registrados. (SILVA, 1948. p. 31/32)

A leitura precisa ser ensinada fazendo com que seja significativa para o aluno. No momento em que o aluno está aprendendo a decodificar as palavras, o professor precisa utilizar estratégias para instigar o seu discente a pensar, a buscar mais informações no texto. A leitura compartilhada em sala de aula é uma boa opção, pois é um momento em que o tempo dos alunos está disponível para essa atividade e ocorre uma maior interação.

Alguns alunos após a conclusão do Ensino médio abandonam a leitura voluntária. Justamente por não ter se identificado nessa prática, provavelmente por não ter ocorrido uma boa base. E isso interfere no desenvolvimento profissional, pois o aluno que sabe ler e interpretar, consegue com melhor desenvoltura trabalhar com diversos documentos e desenvolver melhor situações do dia-a-dia.

Tenho certeza de que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizagem e de comunicação, porque ela tem um ritmo que é governado pela vontade do leitor: a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, isto é, de liberdade; a leitura é uma correspondência não só com o livro, mas também com nosso mundo interior através do mundo que o livro nos abre (CALVINO, apud Vargas, 1993, p.9)

Ao contrário do que já se pensou um dia (e ainda é pensado por algumas pessoas), ler nem sempre é compreender. O docente precisa enfatizar esta idéia. A compreensão está ligada ao interesse e à concentração, ao lermos um texto apenas decodificando as palavras, isso não nos dá uma base para o entendimento da mensagem. Por que ler não é apenas formar palavras, ler vai muito além, desde interpretar uma idéia escondida nas entrelinhas, à ironia superficial de um autor ou um detalhe importante que se passa despercebido. Para que essa compreensão ocorra, é necessário que o leitor se entregue ao texto e deposite nele o seu conhecimento de mundo, as suas expectativas (que podem ser frustradas ou não), e as suas curiosidades, esse é um dos caminhos que leva o leitor a se aproximar do entendimento de um texto. Compreender um texto é a parte mais importante da leitura, já que esse é o ponto inicial para o leitor chegar ao seu objetivo e tirar proveito da leitura realizada. Silva (1948) ressalta que:

Compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem _ eis aí os três propósitos fundamentais da leitura, que em muito ultrapassam quaisquer aspectos utilitaristas, ou meramente “livrescos”, da comunicação leitor-texto. Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. (SILVA, 1948, p.45)

Essa compreensão é construída junto com a leitura do texto, não pode ser fruto de uma pós-leitura, o leitor precisa estar inteirado com o tema do texto para absorver ao máximo as informações que ele traz. Com isso ele consegue fazer previsão do que pode vir no texto de acordo com o conhecimento de mundo que ele tem, como nos indica Solé:

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos,

idéias e experiências prévias, precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apóia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem. (SOLE, 1998, P. 23)

Com a compreensão consegue-se extrair o essencial da leitura, porém, essa necessidade de se concentrar para ocorrer o entendimento precisa ser orientada pelos professores. Se o aluno alcança o desdobramento do texto, significa que aquela leitura já é algo positivo. Quando ocorre do leitor se encontrar no texto, o interesse aumenta, prendendo dessa forma a atenção e o levando a concluir a leitura. Ler sem compreender pode transformar o texto em um material chato, sem importância e inútil; se não existir um compromisso ou necessidade do leitor pelo conteúdo do texto dificilmente ele voltará a ler o mesmo texto. Simplesmente passar o olho sobre o texto, ou folhear um determinado documento não significa leitura, ler entre outras coisas representa compreender e com a compreensão vem a valorização do texto.

Então, é preciso que a leitura seja ensinada reforçando que aumentando a quantidade de leitura melhora-se a capacidade de interpretação, em consonância com Silva (2002) “Aprender a ler é possível há meios para se resolverem eventuais problemas de leitura e a sensibilidade para ler textos é algo que se cultiva e desenvolve.” E o melhor caminho é a prática, pois pode levar ao aperfeiçoamento e ajuda a desenvolver o saudável hábito de ler.

1.3 O ensino de Literatura nas escolas

A Literatura, entre outras coisas, pode ser usada para estimular a capacidade do estudante a desenvolver a língua, conhecendo novas palavras, vivenciando literalmente situações as quais usar determinadas palavras e situações que exigem certas formalidades da língua. Tudo isso pode ser apresentado através dos textos literários, pois contém um grande acervo cultural presente nas suas linhas e entrelinhas.

No entanto, o ensino tradicional de Literatura enquanto disciplina curricular nas escolas, em sua maioria, tem pretensão de ensinar a história da Literatura. Essa tem como principal suporte as escolas literárias, que por sua vez dão uma maior atenção às épocas, aos autores e à suas bibliografias. Esse foco de ensino quase que exclui completamente a leitura dos textos literários no ambiente escolar, a valorização da sua arte e a oportunidade de aproximar o aluno do texto. Segundo Oliveira (1964):

Afinal, os professores dessa disciplina têm de abordar os movimentos literários cronologicamente, apresentando aos alunos as características prototípicas de cada movimento e os autores tradicionalmente considerados os mais representativos desses movimentos e suas características proeminentes. Na verdade, o conteúdo dessa disciplina acaba por aproximá-la muitos mais de história do que do português. (OLIVEIRA, 2010, P. 172/173)

Essa forma de trabalhar a Literatura acaba por tornar essa, uma disciplina pouco atraente aos estudantes. Muitos alunos não sabem para que serve o estudo da Literatura, já que é dado um grande enfoque às escolas literárias e suas características. Nessa prática, apresenta-se através de períodos os objetivos de cada escola literária, desmerecendo a arte por si própria. Preocupa-se mais em apresentar uma quantidade de autores e de obras, em vez de tentar fazer a leitura detalhada de algumas destas.

Com essa forma de trabalho, parece haver uma distância entre Leitura e Literatura. Parece para os alunos que esta última é uma coisa e a Leitura outra, pois a Literatura nos três anos do ensino médio discute, apresenta e explica os estilos de época. Consequentemente, desviando a atenção do texto para o contexto ao qual ele está inserido.

Outro agrave na situação escolar é o trabalho com textos literários para uso da gramática. Fica difícil despertar o desejo no aluno, depois de destrinchar uma poesia respondendo questões de gramática. Afinal, as atenções do aluno estariam voltadas para as funções das palavras, diferente do que gostaríamos que fosse: o contato do aluno com o texto, o prazer da leitura e a apreciação da obra. De acordo com Oliveira:

Portanto, na prática pedagógica, o professor não deve usar textos literários como pretextos para exercícios de análise sintática. É preciso tratar as produções literárias como obras artísticas que devem servir para a leitura de fruição, prazerosa, embora exijam alguns conhecimentos mais específicos para a depreensão mais aprofundada dos significados pretendidos por seus escritores. (OLIVEIRA, 2010, P.179/180)

Com isso, é importante também dar uma maior atenção à seleção das obras que serão trabalhadas. É preciso uma reflexão sobre o uso dos textos na escola, desde o vocabulário ao conteúdo que se pretende discutir com os alunos. Deste modo, tendo um cuidado, para que esse trabalho não seja insignificante para os discentes. O professor precisa buscar obras que discutam temas atuais e, de acordo com o perfil da sua turma, tema que os envolvam na leitura.

Um erro muito comum com trabalho de textos literários é a não aceitação às interpretações dos alunos por parte de alguns professores. Deve-se levar em conta que a carga de leitura e de cultura que o docente possui é maior que a do aluno, e por isso a interpretação desse pode ser menor que a esperada. Alguns professores na tentativa de ajudar o aluno a desenvolver sua interpretação acabam dando uma explicação mais ampla da obra, o que diminui a oportunidade do aluno pensar e se esforçar para interpretar.

Essa situação pode acarretar um pensamento de incapacidade no aluno, que dependendo a maneira, à qual abordado pelo professor, pode criar na sua consciência a ideia que interpretou de maneira errada e que não é capaz de fazê-la corretamente. Quando isso acontece todos perdem, pois o aluno dificilmente se sentirá motivado a expressar sua interpretação novamente. Por isso é preciso respeitar as interpretações do aluno sem ferir o seu pensamento.

Esses pontos aqui apresentados nos levam a refletir sobre o modo ao qual a Literatura está na escola. Engessaram a Literatura de tal maneira que percebemos que ela perdeu a sua essência, que é a arte e a vida. Os professores são preenchidos de classificações sobre essa disciplina, a pedagogia da escola tem seus objetivos e as orientações curriculares direcionam por onde deve ser o ensino. No meio de tantas exigências a Literatura se perde. Segundo Oliveira a forma que tratamos a Literatura na escola define a forma como ela é trabalhada:

Estudar literatura e usar literatura são duas coisas diferentes. (...) Estuda-se literatura também no Ensino Médio; entretanto, não se faz muito uso da literatura no ensino médio: os estudantes não leem textos literários para aumentar seus conhecimentos de mundo ou para apreciar a estética desses textos. Eles o leem para atingir objetivos estabelecidos dentro da perspectiva do estudo da história da literatura. (OLIVEIRA, 2010, P. 173)

No entanto, se a escola volta o foco do qual o ensino deveria realmente priorizar, utilizaríamos a Literatura como arte, buscando uma humanização e sensibilidade nos nossos alunos. Dessa forma, proporcionando à todos contato com as mais variadas formas de arte literária.

O trabalho com as obras literárias não devem ser apenas no seu lado interpretativo, sem mostrar a arte da obra, a magia da obra, à qual os resumos eliminam e o aluno fica desprovido de tal arte:

subtende-se que, com esse critério, a obra de arte fica desprovida de seu valor independente, transforma-se em uma

espécie de ilustração de um tema moral geral: toda a atenção concentra-se justamente nesse último aspecto, e a obra de arte fica fora da percepção do aluno. Na verdade com essa concepção não se criam nem se educam atitudes e hábitos estéticos; (...) pelo contrário transforma-se em regra pedagógica, a transferência da atenção do aluno para seu significado moral. (VIGOTSKI, 2003, p. 227).

Assim, dizer que os romances, as lendas, as histórias místicas são elaboradas para narrar ou explicar fatos históricos seria diminuir as funções das obras literárias. É preciso que sejam novamente mostradas as obras visando a poética, a arte em si própria, valorizando o artístico. A arte deve ser apreciada, admirada e o trabalho com sua interpretação deve ser feito deixando a mente criativa livre e não imposta pelo professor, na qual o resultado é a destruição do sentimento estético.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a literatura entre outras funções deve ser trabalhada com a transdisciplinaridade:

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural. (BRASIL, 2002. P. 19)

A literatura, por ser uma área muito abrangente, permite campo para essa transdisciplinaridade. Contudo, é preciso cautela e atenção para não desvalorizar o seu contexto estético e como consequência eliminar a leitura prazerosa. Transformando a obra em mero suporte para outro conteúdo perde-se a oportunidade de mostrar o quanto linda, poética e bem escrita uma obra pode ser. A saber, que dependendo do tipo da obra pode-se fazer um trabalho acompanhado da perspectiva do prazer de ler, diminuindo dessa forma a distância entre os leitores e a obra, como defende Marisa Lajolo:

(...) a literatura é também uma importantíssima fonte de conhecimentos, porque através dos livros aprendemos muito sobre o mundo que nos rodeia. É sempre mais fácil aprender quando nos divertimos, e a literatura pode fazer estas duas coisas: divertir e ensinar. Outra função da literatura é a de expressar a cultura, os valores, as tradições dos povos. É isso o que transmitem muitos textos literários. (LAJOLO, 2005, p. 62)

Nessa perspectiva de transmissão de conhecimentos associados ao prazer que uma obra pode nos permitir, vale atentar para o trabalho com a literatura devido a sua extrema importância. Dado que, ela está associada diretamente a uma das mais importantes ferramentas de transmissão de conhecimentos: a linguagem, sendo essa a

mais antiga e segura forma de transmissão através do tempo. A referida autora discute que:

A linguagem tem várias funções: entre outras, ela permite aos seres humanos se comunicarem entre si (ou seja, uma utilidade prática) e também permite transmitir experiências, idéias e emoções. Será que podemos dizer então que existem dois tipos de linguagem, a linguagem da vida cotidiana e a linguagem literária? Não. Essas linguagens são iguais e ao mesmo tempo distintas; elas se parecem em alguns aspectos e são diferentes em outros; em algumas épocas se distanciam, em outras, se aproximam. E dialogam sempre. É o uso que fazemos delas que as torna diferentes. (LAJOLO, 2005, p. 56/57)

Vale ressaltar dentro da literatura as obras clássicas, que nos permitem uma visão nova a cada leitura ou releitura. Elas têm o poder de nos proporcionar uma ligação entre o tema da obra e os problemas atuais da sociedade, ainda que tenham sido escritas à décadas atrás. Além disso, uma mesma obra apreciada por alguém ainda jovem e relida anos depois pode conceder informações novas e um olhar diferente a respeito do tema. Ítalo Calvino nos aponta que:

Por isso deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a revisitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo. (CALVINO, 2001, p. 11)

A leitura referida (na juventude e na idade adulta) não nos aponta que uma mereça maior valorização que outra, mas deve-se cuidar ao fato, que existe uma diferença. Logo, deve ser dada a devida atenção à prática de ler, pois se não fertilizada permite espaço para a formação de um indivíduo não-leitor pós-escola. É importante lembrar que alguns alunos, normalmente de classes inferiores, tem o seu primeiro contato com uma obra na escola e esse contato pode determinar uma afetividade a essa prática ou não. De acordo com os PCN's deve-se:

Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção. (BRASIL, parte II, 2000. P. 08)

Com isso, é importante dar ênfase à análise, a interpretação, mostrando como são aplicados os recursos expressivos da língua, que são os processos utilizados pelos autores para tornar o texto mais belo, ou sugestivo, como por exemplos, o uso de comparação, metáforas, personificação, adjetivação, mostrar a relação do texto com o

contexto em que se passa a obra, e a função daquela obra. Desse modo, formar um caráter de leitor crítico no aluno, valorizando a escrita do autor.

Além disso, a literatura desenvolve a competência comunicativa dos estudantes, pois aumentam o conhecimento de palavras ampliando o seu vocabulário e conhecem vários lugares e situações em que se devem usar as palavras. Com isso o leitor aumenta sua capacidade de argumentação, porque saberá usar as palavras devidamente apropriadas.

2 DIFICULDADES DE LEITURA

2.1 Escolarização dos cânones

O termo Cânon foi criado para estabelecer uma lista, com os considerados melhores escritores, aqueles aos quais servia de exemplo, modelo de escrita e de conteúdo. Significavam um conjunto de autores literários reconhecidamente como mestres da tradição, Moisés nos aponta que:

A palavra *cânone* vem do grego *kánon*, através do *latim Canon*, e significava “regra”. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares. [...] O epíteto *clássico* aparece pela primeira vez em Roma, no século II [...] Trata-se aí de uma classificação dos cidadãos conforme sua fortuna. (PERRONE, 1998, p.62),

A presença dessas obras consideradas clássicas no ensino de literatura, ainda ocupa muito espaço nas salas de aula. Muitos profissionais acreditam que o trabalho com esse tipo de obra é indispensável à formação do aluno por serem grandes obras reconhecidamente. Esse fato é facilmente confirmado durante uma conversa informal com alguns professores e/ou com os alunos. Durante a entrevista com o professor A sobre quais obras ele considera mais importante no trabalho com turmas do ensino médio, podemos observar que as primeiras citadas, são os cânones:

Não tem como negar a presença dos cânones, né? Inclusive primeiramente Machado, mas do século XX pra cá eu to escolhendo por exemplo Guimarães Rosa, Clarice, Afonso Romano, alguns africanos como por exemplo Mia Couto, né? Literatura baiana agora como Alex Leilla, como Rafael Rodrigues, Antônio Torres. (Professor B, em entrevista dia 16/10/2012)

Essas obras canonizadas são assim consideradas devido à escolha de grandes mestres e renomados profissionais da área e não em um consenso de leitores em geral. Estas obras não são assim classificadas pelo prazer da leitura, ou pela aceitação da maioria; são selecionadas a partir da vontade e da bagagem cultural de poucos.

Sendo assim, são escritas por uma elite que visa e transcreve sua cultura, seus costumes e seus interesses, ignorando as demais classes, de acordo com Roberto Reis:

Não resta dúvida de que existe um processo de escolha e exclusão operando na canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder. O Cânon está a serviço dos mais poderosos, estabelecendo hierarquias rígidas no todo social e funcionando como uma ferramenta de dominação. (...) O problema não reside no elenco de textos canônicos, mas na própria

canonização, que precisa ser destrinchada nos seus emaranhados vínculos com as malhas do poder. (REIS, 1992, p.73):

Esse processo de escolha tem ligação direta com a relação de poder por parte daqueles que as classificam, as escolhas eram de cunho ideológicos, para se tornarem cânones, deviam escrever conteúdos que fossem do interesse dos responsáveis. De acordo com Perrone-Moisés (1998, p.196), “o cânone ocidental, constituído de ‘homens brancos mortos’, foi posto sob suspeita; a formação desse cânone foi examinada do ângulo ideológico, como uma série de manobras mais ou menos claras, das elites no poder, e o resultado foi a condenação.

As obras selecionadas são escolhidas de acordo a percepção das “autoridades responsáveis” geralmente são obras muito bem escritas e bem elaboradas, são escritas elitizadas e para um público leitor com uma boa carga de leitura nesse sentido predomina o poder dos selecionadores, que não visam um tipo de leitor com pouco vocabulário; nesse ponto se dá uma das principais críticas às obras canonizadas, pois especialmente ao que se refere a rede pública de ensino, o nível de vocabulário dos alunos ainda é muito debilitado.

Essa concepção de literatura como fenômeno decorativo e belo – transmitida pela maior parte das escolas – reflete-se na própria dinâmica de salas de aula em que se privilegia a leitura de obras clássicas produzidas por escritores já consagrados pelo cânon literário. Sem dúvida é preciso que a escola incentive a leitura de obras clássicas, mas o ensino de literatura não pode ficar confinado apenas à tradição clássica. (MARTINS, apud Buzen, e Mendonça [orgs.] 2006, Pag 90)

Essa concepção do belo provoca uma estranheza no aluno, ele não consegue utilizar-se da experiência estética, por ser uma linguagem rebuscada e apresentam palavras das quais ele não conhece o significado. Esta seria uma oportunidade para ampliar seu vocabulário, porém o aluno precisaria ter certa familiaridade com o hábito de ler. Para isso se faz necessário primeiro um trabalho de conquista a esse aluno; e os cânones não são o melhor caminho para essa conquista.

Fora do cânone literário há excelentes obras contemporâneas que podem despertar o interesse do aluno, fazendo com que se aproxime e amplie sua carga literária. Por isso deve-se haver atenção nas seleções do material a ser indicado pela escola para que essas obras sejam inseridas no momento certo sem causar estranhamento.

Ainda de acordo com Martins, as obras clássicas devem ser indicadas pela escola, mas esta pode abrir espaço para outras leituras fora dos cânones, e que nem por isso precisam ser desmerecidas de valor qualitativo; os professores podem buscar autores que tenham uma boa qualidade na sua obra e que possuam temas, que estejam ligados com a realidade dos discentes. A literatura não canonizada enfrenta barreiras para chegar à escola, isso não significa que ela não tenha nível de linguagem e conteúdo para isso, mas sim que a maioria dos profissionais, como citado anteriormente, ainda preferem os cânones por serem obras tradicionais especificamente na escola. De acordo com a autora:

A visão da escola sobre a literatura difere consideravelmente da noção que o aluno-leitor tem a cerca do literário. É preciso repensar o julgamento de valores disseminados pelas instituições que abordam a literatura sob prismas distintos (a escola, a crítica literária, a imprensa, etc.), quando consideramos que cabe ao leitor construir o seu próprio cânon literário, valorizando seu repertório de leituras. (MARTINS, apud Buzen, e Mendonça [orgs.] 2006, p.86)

Com isso o aluno poderia selecionar as obras que considerassem dignas de exaltação e indicação de leitura para outras pessoas, de acordo com seu interesse. Pois não deve ser necessário que todos os alunos aprendam a gostar de uma lista de obras selecionadas por pessoas de pensamentos e ideias diferentes do seu e isso torne-se um quase que exclusivo material de estudo.

Alguns profissionais defendem os cânones por conta da sua atemporalidade e consideram fundamental para que os alunos aumentem seus conhecimentos de problemas, culturas e costumes de épocas passadas. Porém, deve-se haver um equilíbrio nessa questão, por um lado não se pode menosprezar por completo uma obra clássica, por outro deve-se dar importância às novas escritas e aos problemas atuais. Como já nos apontava um dos mais importantes filósofos da história da humanidade:

É bom saber algo dos costumes de diversos povos, a fim de julgar os nossos mais corretamente, e não pensar que tudo que se opõe aos nossos modos é ridículo e contrários à razão, como costumam fazer os que nada variam. Mas, quando se emprega tempo demais em viajar, acaba-se por virar estrangeiro no próprio país; e, quando se é muito curioso por coisas que se praticavam nos séculos passados, fica-se geralmente muito ignorante das que se praticam neste. (DESCARTES, 2004, p.41-42)

É importante na formação da cultura do aluno, a visão de outras culturas e de outros hábitos especialmente de hábitos passados, mas o leitor precisa estar atento aos

problemas e situações do seu tempo. As obras contemporâneas têm um importante papel nesse ponto, pois, trazem discussões e temas atuais, vividos por nossa sociedade, fazendo o aluno refletir e desenvolver o sentimento estético.

Além de proporcionar discussões de temas atuais, o trabalho com essas obras ainda possibilita uma contextualização da realidade do aluno traduzido em arte, proporcionando o reconhecimento de si como sujeito de uma sociedade, fazendo enxergar-se e entender situações da sua época.

2.1.1 Orientações curriculares

As orientações curriculares foram criadas com base nas experiências dos professores da rede, com o objetivo de fortalecer um diálogo entre professores e escola, sobre as práticas docentes (BRASIL, 2006), são contribuições para o ensino de literatura, com alterações ou justificativas sobre determinadas ações dos PCN's. Para a área de Literatura, as orientações se justificam pelo fato que:

As orientações que se seguem têm sua justificativa no fato de que os PCN do ensino médio, ao incorporarem no estudo da linguagem os conteúdos de Literatura, passaram ao largo dos debates que o ensino de tal disciplina vem suscitando, além de negar a ela a autonomia e a especificidade que lhe são devidas. (BRASIL, 2006, p.49)

De acordo com o documento, as orientações não devem seguir como um manual ou uma cartilha a ser seguida, mas trazem sugestões que podem servir de auxílio para as práticas em sala de aula. Com isso permitem aos professores uma reflexão de sua prática visando a melhoria do ensino, em favor da aquisição de conhecimento dos alunos.

Sobre os objetivos no ensino médio, as orientações apontam que a escola deveria ter como meta o desenvolvimento do lado mais humano do discente, da sua autonomia intelectual e do pensamento crítico. E a literatura é um excelente instrumento para isso já que a arte abre espaço para a educação da sensibilidade e a humanização dos seres humanos. Sendo assim se justifica a importância da literatura na escola.

Para legitimar o sentido de humanização ao qual se referem, citam o posicionamento de Antônio Cândido sobre “humanização”:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e

dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (BRASIL,2006, p.54).

A literatura tem esse caráter humano e precisa ser explorado nas obras, pois ela permite a produção de múltiplos sentidos, desde que os leitores utilizem de suas experiências de vida e se concentre na leitura. Concordando com Cosson (2006), a literatura pode tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores, e formas intensamente humanas. Porém, de acordo com as orientações curriculares, para que haja essa humanização:

não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido, apesar de os PCN, principalmente o PCN+, alertarem para o caráter secundário de tais conteúdos. [...] Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo a que tem direito. (BRASIL, 2006, p.54)

O trabalho em sala de aula com escolas literárias causa um distanciamento dos alunos, tornando a literatura algo vazio e sem sentido. Além de diminuir o espaço de tempo para a leitura e o letramento dos alunos, colocar as escolas literárias como centro de aprendizagem é dar mais importância a dados históricos do que a arte e não os motivam.

As orientações curriculares defendem a importância de “letrar” o aluno, segundo o documento, deve-se objetivar o “letramento” literário do leitor. De acordo com o documento o leitor torna-se letrado, apropriando-se da experiência estética, cuja permite adentrar no mundo da obra, ou seja, não é a beleza da arte que entra em nós, nós é que entramos na arte. Para efetivação de uma experiência literária que acarrete a fruição do aluno na leitura, as orientações curriculares sugerem os cânones como leituras preferenciais no E.M. Os autores implicam que se por um lado há críticas em relação ao trabalho com as obras canonizadas por utilizarem especificamente um nível de vocabulário mais elitizado, por outros há professores que eliminam por completo esse tipo de obra, dando espaço apenas para textos típicos da cultura de massa:

Se existe o professor “conservador” que ignora outras formas de manifestação artística, não haveria, de outro lado, na atitude “democrática”, e provavelmente cheia de boas intenções, um certo desrespeito às manifestações populares, sendo condescendente, paternalista, populista, “sem adotar o mesmo rigor que se adota para a cultura de elite”? Ou, acrescentaríamos nós, não haveria demasiada tolerância relativamente aos

produtos ditos “culturais”, mas que visam somente ao mercado? Se vista assim, essa atitude não seria libertária ou democrática, mas permissiva. Pior ainda: não estaria embutido nessa escolha o preconceito de que o aluno não seria capaz de entender/fruir produtos de alta qualidade? (CHIAPPINI, *apud* Brasil, 2006, p.56)

De acordo com o documento, a ausência de cânones literários na escola representaria um menosprezo à capacidade dos alunos. Nessa ótica exacerbada das orientações, têm-se a impressão que os escritores não conhecem a realidade das nossas escolas. Deve-se concordar no ponto em que se ressalta a importância de não privar as pessoas de uma leitura considerada de um nível mais alto esteticamente, porém esquecem que para que essas pessoas tenham um bom contato com essas obras deve haver desde o ensino fundamental um trabalho efetivo de leitura e uma boa formação do leitor, pois de nada adianta ter em mãos uma obra magnífica e não entender ao que se refere, ou o que diz a obra, devido ao seu restrito vocabulário.

A questão por mim problematizada nessa perspectiva refere-se à carência de uma preparação eficiente dos alunos enquanto leitores e dos mestres enquanto mediadores dessa relação autor / leitor. Mediação essa, que as orientações citam como forte aliada ao trabalho produtivo no ensino da literatura e tem consciência da grandiosa contribuição nesse ensino:

O estatuto do leitor e da leitura, no âmbito dos estudos literários, leva-nos a dimensionar o papel do professor não só como leitor, mas como mediador, no contexto das práticas escolares de leitura literária. A condição de leitor direciona, em larga medida, no ensino da Literatura, o papel dos mediadores para o funcionamento de estratégias de apoio à leitura da Literatura. (MEC, 2006, p. 72)

Junto à valorização do professor como mediador, as orientações discutem a responsabilidade das escolhas das obras trabalhadas, que estão diretamente ligadas às preferências pessoais do professor e do projeto pedagógico da escola, ou seja, toda a responsabilidade do trabalho com a literatura é relacionada ao professor. Porém há uma falsa liberdade nas escolhas, pois se o professor fosse realmente livre para escolher, não seria necessário argumentos, por parte das orientações curriculares, defendendo e enfatizando o trabalho com as obras clássicas.

2.1.2 O papel das provas avaliativas: Vestibulares e ENEM

Vestibular vem do latim *vestibulum* que significa entrada; na Grécia antiga para adentrar-se a uma casa era necessário passar pelo vestibulum uma área onde retiravam-se algumas peças de roupas; funcionava com uma espécie de passagem (disponível em <<http://origemdapalavra.com.br/palavras/vestibular/>>). Assim foram designadas as provas que davam acesso ao nível superior, inicialmente como exame vestibular que corresponde a exame de entrada e depois apenas como vestibular, essas provas são alvo da maioria dos alunos do ensino médio, que se preparam para ingressar no ensino superior.

De certa maneira essas provas avaliativas como vestibulares, e cabe citar aqui também o ENEM representam um papel crucial na busca dos alunos pelo contato com a literatura, pois essas provas exigem leitura de algumas obras literárias. Nas provas, distribuem-se algumas perguntas sobre as obras, que exigem conhecimentos por parte dos alunos sobre o seu conteúdo. Com isso, o aluno sente a necessidade de fazer a leitura das obras exigidas pelo edital para não se prejudicar na avaliação, ocorrendo assim à busca do aluno pelo livro. O conhecimento da leitura não é propriamente profissionalizante, o aluno ao estudá-la não adquire nenhum saber prático com o qual possa se manter financeiramente, então não compreende essa prática como finalidade. Além do que as leituras de obras literárias não são fundamentais para o percurso acadêmico do universitário, a não ser que se dirija ao curso de letras, logo a leitura é apenas para as provas avaliativas, pós-prova não há uma continuidade.

O professor precisa aproveitar esse momento preparatório do vestibular, para fazer um trabalho visando a interação dos alunos, procurando despertar o prazer na leitura, influenciando-os a se tornarem leitores. Se não houver um trabalho eficiente nesse sentido de conquistar o leitor, após o período do vestibular provavelmente o aluno estacionará a leitura. Não é preciso desvincular a obrigatoriedade da leitura exigida nestas provas, do prazer de ler e da formação do aluno leitor. Essas obras podem ser aproveitadas para influenciar os alunos, o professor na sala de aula pode defender a idéia de que ler além de ajudar nas questões literárias da prova, ajuda o aluno de forma ímpar a escrever bem, argumentar bem e articular as idéias, como podemos ver no trecho da reportagem sobre “redação nota 1000 no ENEM” do repórter Humberto Trajano do site G1:

A redação da estudante mineira Camila Zuconi, de 18 anos, é um dos textos considerados “nota 1.000” e publicados na cartilha "A redação no Enem 2012 - Guia do Participante",

[...]

"Eu acho que, antes de tudo, precisa de leitura", disse a universitária sobre a preparação que resultou em seu desempenho destacado na avaliação.

[...]Sobre a importância da leitura, ela ressaltou que o hábito não pode ser encarado como uma obrigação, mas como prazer, e apontou os benefícios. “Ler ajuda muito a ter um vocabulário mais completo. Você percebe dicas de como escrever e é importante também ler o texto que está escrevendo.

Diante dessa questão tem que haver um cuidado especial, levando em consideração um perfil de aluno que precisa ler essas obras, mas mantém pouco ou nenhum contato com a leitura, isso pode gerar uma frustração nesse recém leitor. É importante que o professor deixe clara a importância da leitura e as dificuldades que a falta desse hábito pode ocasionar, sendo o aluno o responsável pelas consequências; essa preocupação tem que ser explicitada pelo professor, entretanto é necessário por parte do docente um cuidado na hora dessa conscientização, para que o professor conduza a conscientização da leitura e não o amedrontamento destes, pois o professor não pode ser um ditador ele é um mediador.

O professor pode enfatizar junto ao aluno, a importância dada pelo ENEM aos textos literários, aos quais, uma das habilidades da prova, está voltada para as obras, e que por esse motivo se faz importante o trabalho com esses gêneros:

Os exames do ENEM têm contemplado a experiência literária do aluno através de questões que permitem não apenas verificar sua capacidade de leitura em geral, mas também a de avaliar as particularidades do texto literário, sem com isso cobrar conteúdos mais específicos (datas, autores, escolas literárias, entre outros.) (FREDERICO & OSAKABE, 2004, p. 73, apud MARCUSCHI, p. 76)

Beth Marcuschi ressalta que o foco da avaliação tanto do ENEM quanto da SAEB situa-se na compreensão da leitura. O professor precisa usar essas provas avaliativas como argumento na influência do trabalho com a leitura. Essa questão nos leva a outra vertente: a necessidade de ser feito um trabalho de influência pela escola, a valorização dessas provas, pois na rede pública nem todos os alunos se propõem a fazer esse tipo de avaliação, a qual é passaporte para o nível superior.

Contudo, essas provas avaliativas ainda deixam a desejar no quesito implantação de diversidade de obras, pois elas seguem a linha dos cânones literários, aos quais nem sempre são atrativos aos alunos, tornando-se uma leitura simplesmente obrigatória.

Este é um dos maiores problemas dos vestibulares e ENEM: a ausência de obras contemporâneas, justamente para influenciar a leitura destas. As obras cobradas estão sempre relacionadas aos cânones literários, são normalmente obras tradicionais e bastante comentadas nas mídias, salas de aula e ambiente acadêmicos, justamente não seguindo os parâmetros que pretendem internalizar as obras contemporâneas.

2.2 Questões de Alfabetização e Letramento

Nesse sentido outra problemática também se faz presente nas dificuldades dos nossos alunos: a ausência do letramento. Este não se dá simplesmente pela alfabetização, à qual muitas vezes percebemos que é a principal preocupação de pais e educadores e por isso torna-se prioridade sobre o letramento no ensino.

O aluno letrado, como já discutido anteriormente neste trabalho, é aquele indivíduo que sabe ler, escrever, interpretar e fazer uso das mais variadas formas de escritas no seu dia-a-dia. Entretanto, o que presenciamos nas nossas escolas são alunos que apresentam dificuldades na leitura e na escrita. Demonstram uma fragilidade no momento de desenvolverem determinadas atividades na escola, que nos revela um letramento debilitado.

Contudo, desde o desenvolvimento do estudo do letramento essa preocupação vem sendo constante por parte dos professores e vem sido dada uma importância maior a esse aspecto. Porém, na escola ainda não há uma resposta em grande escala de resultados devido à – ainda- tímida infiltração dessa prática de letrar o aluno.

Na nossa realidade escolar sabemos que há muitos alunos que não são letrados, e isso tem relação com a sua formação. Já que, não há um trabalho insistente com a interpretação e com produção de ofícios, relatórios, curriculum, entre outros documentos que usamos no nosso dia-a-dia, se prolifera um desconhecimento e falta de uso. Como não utilizamos com frequências ou em alguns casos não usamos em nenhum momento na escola, isso reflete na nossa vida profissional, na qual precisamos nos desdobrar para aprender. Aprender algo que poderíamos ter praticado durante a nossa vida escolar.

Com isso, concluímos os níveis escolares sem efetivamente sabermos fazer usos dessas ferramentas que são básicas no nosso desenvolvimento. Especificamente o problema com a interpretação deixa em desvantagem de raciocínio um aluno que não tenha sido letrado em decorrência de outro que tenha tido um ensino de mais qualidade.

Muitos alunos ingressam no ensino fundamental apresentando, mesmo nas atividades simples como interpretação de um texto, dificuldades e às vezes a impressão de distanciamento do que foi lido para o seu sentido. Durante a alfabetização e o ensino fundamental os pais se interessam e cobram dos professores a escrita dos filhos não dando à devida importância da interpretação.

O aluno apresenta indisposição à leitura, o que prejudica ainda mais essa prática. Isso porque muitos alunos se sentem incapazes de entender o que está sendo escrito, conseqüentemente achando a leitura chata e sem funcionalidade. Esse problema da interpretação também são constatados em provas quando alguns discentes não conseguem entender as perguntas, ou seja tem dificuldade em entender o que se está propondo na questão.

É preciso aumentar a importância do letramento, feito em um trabalho lado a lado com a alfabetização, pois conhecer o código linguístico não é suficiente para desenvolvermos nossas atividades do dia-a-dia. Além disso, disponibilizar mais materiais para leituras e trabalhar interpretação para que os indivíduos leiam e efetivamente entendam o que estão lendo.

2.3 Acesso à leitura

Como apresentamos durante esse trabalho, as dificuldades com a leitura tem grandes e variadas raízes. Além da falta de motivação e de interesse à leitura por parte dos alunos, especialmente aqui discutido do Ensino Médio, deve-se considerar a não facilidade de acesso à livros.

Quantidades insuficientes de bibliotecas públicas não nos proporcionam um amplo acervo – especialmente se tratando de interior-. Além das poucas bibliotecas que se dividem entre biblioteca municipal e aquelas presentes nas nossas escolas, encontramos um baixíssimo acervo que não nos permite ampliar a nossa leitura de acordo com os nossos interesses, tendo que nos adaptar aos padrões das bibliotecas, que normalmente oferecem livros que fazem parte do cânone.

Com isso se faz preciso recorrer às compras. Mas nem todas as pessoas têm condições financeiras para comprar todos os livros que se interessam. Isso, por que os livros em nosso país atingem preços altos, sendo impossível para a maioria manter uma biblioteca pessoal, que inclusive são utilizados por algumas pessoas como símbolo de

status. Com esses preços elevados ocorre um menor acesso às leituras. Magda Soares discute que:

Uma segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura. O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever. (P.58)

Essa falta de acesso à leitura impede que o nível de alfabetização progrida para o de letrado, pois há pouco contato com materiais impressos para essa prática. A televisão e outros entretenimentos têm custos muito menores e são mais atrativos, fazendo com que o livro saia em desvantagem.

A internet atualmente poderia ser um excelente ponto para beneficiar a leitura, entretanto é necessário um amadurecimento por parte do leitor para uma maior concentração na hora da leitura. Já que, a internet nos oferece hipertextos ou hiperlinks que a qualquer momento podem desviar a nossa atenção. Além disso, há a diferença entre ler com um livro na mão e ler em uma tela digital, que devido a sua iluminação causa cansaço visual com mais rapidez que uma página impressa.

Apesar desses empecilhos o livro impresso ainda é considerado por muitos como a forma mais gostosa de ler. Por isso precisamos de livros mais acessíveis em termos de preços, para que todos tenham acesso a ele. Ressaltamos aqui a falta de interesse por parte de alguns indivíduos, mas se levarmos em conta que a presença do livro hoje no Brasil não faz parte de uma consciência cultural – justamente por sua ausência- e por isso –entre outras coisas- parece que o hábito de ler não é normal e parece ser algo distante da realidade de muitos.

3. ANALISE DOS DADOS

3.1. Contextualização da pesquisa

Para desenvolvimento deste estudo foi escolhida uma turma de Ensino Médio do colégio Deocleciano Barbosa de Castro, situado na cidade de Jacobina-Ba, por se tratar de um colégio que atende um grande número de alunos inclusive das regiões vizinhas e distritos e ser da rede pública, vindo do sistema reconhecidamente carente financeiramente e vítima de descasos por parte dos administradores do dinheiro público.

Hoje a escola atende cerca de 1523 alunos, no total dos três períodos de funcionamento, todos do Ensino Médio, o colégio possui um quadro de 23 professores, com 10 funcionários, um bibliotecário, uma diretora e 3 vice-diretores.

No período noturno funcionam turmas de 3º ano, a sala escolhida para este estudo tem 23 alunos, destes 15 são mulheres e 8 homens, com a faixa etária entre 19 e 32 anos e que precisam dividir seu tempo com o trabalho no período do dia e o estudo a noite e esta é uma das maiores reclamações ou argumentos ouvidos em sala de aula principalmente em relação ao trabalho com a leitura de textos literários.

A biblioteca da escola funciona normalmente no período da manhã e da tarde porém, não regularmente a noite sendo seu funcionamento apenas durante alguns dias. Essa falta de regularidade da biblioteca no período noturno contribui diretamente com a escassez de alunos nesse período no seu ambiente, inclusive durante a pesquisa na escola houve reclamações de alguns alunos sobre a dificuldade de acesso a livros, segundo eles por não estarem disponíveis todos os dias, eles deixam de procurar livros na escola.



Imagem 01. Fonte: dados da pesquisa _ fachada do colégio Deocleciano Barbosa de Castro.

3.2 Perfis dos alunos

Inicialmente a pesquisa procurou investigar a faixa etária da turma pesquisada que faz parte do turno noturno da referida escola e cursam o 3º ano do Ensino Médio, visando uma contextualização maior do público pesquisado. Foi constatado que a faixa etária dos discentes da turma abrange jovens de 18 aos 32 anos, sendo que 51% corresponde aos 19 anos de idade, refletindo dessa forma o desejo de buscar a formação de nível médio, recuperando o tempo perdido fora da escola, sendo que nesta idade, já deveriam estar ingressos em nível superior.

O índice da ausência de alunos na faixa etária considerada apropriada, também foi comprovada na pesquisa nacional realizada pelo IBGE, e elaborada pela área de estudos e pesquisas do Todos Pela Educação:

De acordo com os dados, 50,9% dos jovens de 15 a 17 anos estão no Ensino Médio, etapa apropriada para a faixa etária em questão. Uma parcela (0,7%) concluiu a Educação Básica e está em cursos pré-vestibulares ou no Ensino Superior. Entretanto, 0,2% dos estudantes ainda cursam a etapa de alfabetização, e, 1,2% a Educação de Jovens e Adultos no nível fundamental. Além disso, 14,8% dos jovens estão fora da escola. (Todos Pela Educação, 08 de Março, 2012)

Especificamente na turma pesquisada, podemos constatar a escassez de alunos com a faixa etária entre 15 e 17 anos, sendo os dados aqui analisados com uma faixa etária superior à esperada. É importante ressaltar que se trata do turno noturno, ao qual, normalmente são alunos que não frequentaram a escola regularmente e trabalham no período do dia, sentindo a necessidade de frequentar a escola por um mercado de trabalho cada vez mais competitivo.

Nessa turma percebe-se também, uma maior participação das mulheres em relação aos homens, 65,21% equivale as mulheres e 34,79% ao sexo masculino, justificando assim o interesse das mulheres pelo ensino e pelo seu desenvolvimento profissional às quais buscam a independência financeira. De acordo com o gráfico 01:

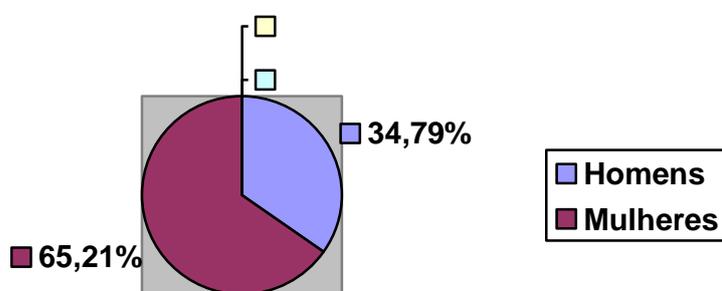


Gráfico 01: Fonte: Dados da pesquisa_ Sexo dos alunos

De acordo com o “Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial: Igualdade de Gênero” 2012:

As vidas de meninas e mulheres mudaram radicalmente no último quarto de século. Hoje, há mais meninas e mulheres alfabetizadas do que nunca e em um terço dos países em desenvolvimento há mais meninas na escola do que meninos. As mulheres hoje representam mais de 40% da força de trabalho mundial. Além disso, as mulheres vivem mais do que os homens em todas as regiões do mundo.

O avanço das mulheres na escola, no mercado de trabalho, entre outros, reflete a conquista da liberdade da mulher, especificamente pela busca à independência. As mulheres descobriram o quanto são capazes e trabalhadoras, assim, adentraram o mercado antes ativo só por homens e com profissionalismo vem mostrando que não deixam a desejar em relação aos homens. Apesar da mulher ainda enfrentar preconceito, a luta da mulher continua firme e ganhando cada vez mais espaço.

3.3 Sobre leitura

Com vistas a conhecer o nível de leitura desses alunos, foi questionado quantas obras literárias (levando-se em conta que toda obra escrita, é automaticamente literatura), já haviam sido lidas. De acordo com as respostas do questionário aplicado:

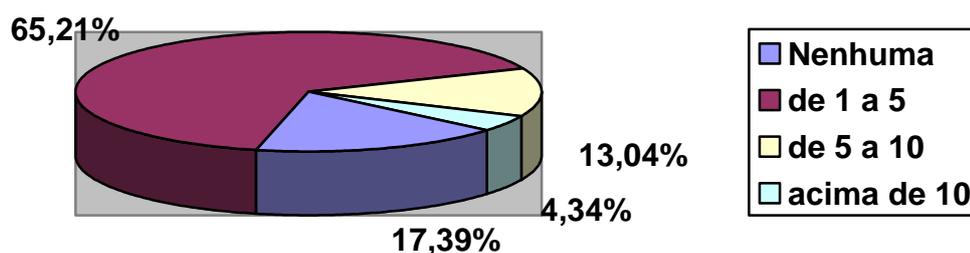


Gráfico 02: Fonte: Dados da pesquisa _ Quantidade de obras literárias lidas

Com o gráfico percebe-se claramente a carência de leitura por parte destes alunos, pois de acordo com o questionário 65,21% leram entre 1 e 5 livros, sendo esta a opção no questionário classificada como leitura mínima, e apenas 4,34% o que equivale a 1 aluno da turma teria lido acima de 10 obras. Alunos que leram uma média de 5 a 10 obras ocuparam cerca de 13,04% dos alunos e os que não leram nenhuma correspondem a 17,39%.

Como justificativa para essa carência consideramos a ausência dos pais nos hábitos da leitura e a falta de influência por partes deles ao que se refere à leitura dos seus filhos. Ao serem questionados sobre a sua primeira indicação para a leitura, os professores apareceram como principais mediadores do contato do aluno com a leitura com 60,86%, sendo a ausência dos pais um dado alarmante, equivalendo-se a 0,0% dos alunos pesquisados terem indicado seus pais como indicadores de leitura. De acordo com o gráfico a primeira leitura dos alunos foi indicada por:

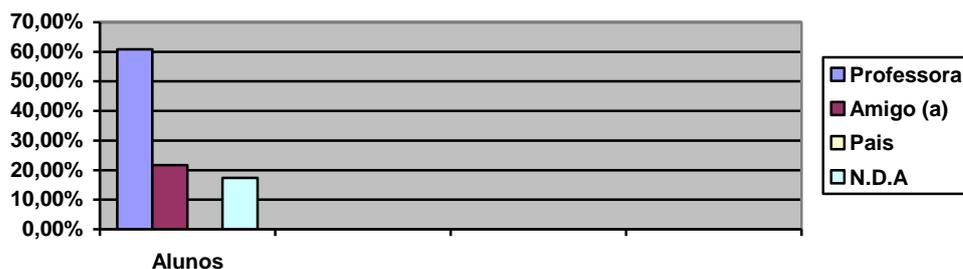


Gráfico 03: Fonte: Dados da pesquisa_ Influenciadores de leitura

Grande parte dessa estatística se deve a pouca formação dos pais e responsáveis pelos nossos alunos, que tiveram pouco estudo e por isso não possuem o hábito de estudar ou ler em casa. Junto a essa situação há a falta de interesse e de importância por parte de alguns (ou da maioria) pais em relação a leitura; pois se os filhos que estão na escola atualmente onde se enfatiza a busca por mais estudos: graduação, pós-graduação, entre outros, ainda não há tanta influência para a leitura, a situação fica pior quando se trata de quem está fora da escola ou mal concluiu o ensino médio que é o caso da maioria dos pais. Isso levando-se em conta que o ensino há algum tempo atrás não cobrava a leitura como hoje, já que tão pouco se buscava uma formação acima do nível médio.

A ausência dos pais na influência ao hábito de ler também é constatada na pesquisa Retratos da leitura 2011 quando são comparados, entre outros influenciadores, os pais e os professores. Como podemos perceber de acordo com o gráfico da pesquisa “Retratos da leitura 2011”:

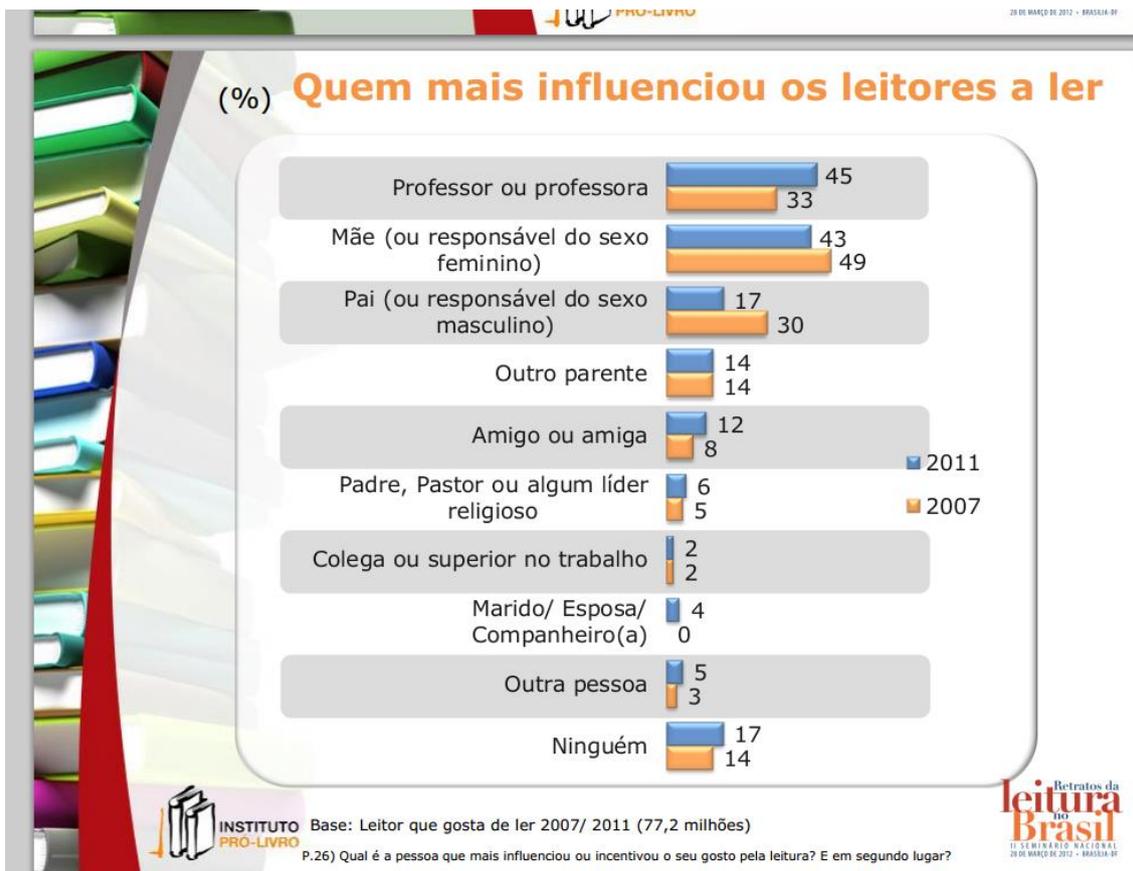


Imagem 02: Fonte: Pesquisa Retrato de Leitura no Brasil_ Quem mais influenciou os leitores a ler

Percebemos, que a influência dos pais, - no gráfico acima separado pais de mães - aparece como segundo maior influenciador, porém percebemos que de 2007 a 2011, há uma queda significativa dos pais como maiores influenciadores, enquanto a influência dos professores aumentaram em 12% em relação as mães (antes maior influenciadora). De acordo com Frank considerado educador canadense:

As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando seu pai dá-lhe uma chance para trabalhar com pregos e martelo. [...] Ela sempre aprende com o objetivo de atribuir significado a alguma coisa, e especialmente, quando existe um exemplo, um modelo a ser seguido. (SMITH, 1983, p.56)

A criança aprende pelo exemplo, se os pais não têm o hábito da leitura, as crianças naturalmente não desenvolverão esse hábito. Assim, ocorrendo uma reprodução das atividades de seus pais que vão se fortalecendo. O processo de formação do leitor se inicia antes da escola e os pais precisam se conscientizar dessa problemática e criarem atitudes influenciadoras nesse sentido. Adotar o hábito da leitura nunca é tarde, além de propiciar todos os benefícios já discutidos nesse trabalho ajudam a construir a imagem de pais leitores que se infiltram na memória das crianças que ao

chegarem à escola já tem a informação internalizada que ler é um hábito comum e uma atitude praticável sem nenhum estranhamento.

A ausência da leitura no âmbito familiar impede de proliferar um sentimento de afeto e de prazer pela leitura obstruindo caminhos que a escola poderia penetrar com uma facilidade maior de acesso. Esse não gostar de ler é uma das reclamações mais presentes dos alunos encontradas pelos professores como nos aponta o professor B, quando questionado sobre o assunto:

Reclamam, reclamam as vezes até na hora que vão ler fazer exercício eles dizem “a pró a senhora quer o que aqui na primeira questão, o que que a senhora ta pedindo aqui?” não, você tem a prova, o exercício começa a partir da interpretação da questão da leitura aí “ah pró, mas eu num, eu não gosto de ler não” eles dizem logo eu não gosto de ler não e a dificuldade maior é justamente por não terem mesmo o hábito da leitura, os pais não incentivam também... não é?... filhos de pais leitores com certeza também são leitores.

O “não gostar de ler” contribui para um afastamento do aluno e da leitura, como se essa prática fosse algo que não fizesse parte do seu dia-a-dia, uma obrigação avaliativa da escola que a única função é conceder notas, tornando-se desinteressante. Dessa forma o aluno não encontra uma finalidade na leitura e não se sente motivado a ler. Pelo fato de não gostarem, criam uma barreira de rejeição à leitura se fechando para ela e direcionando seu tempo para outras atividades como internet, jogos e outras distrações. É preciso se construir imagens positivas da leitura para que os alunos sejam envolvidos.

Por não se sentirem atraídos, os alunos usam pretextos e justificativas para não ler principalmente no turno noturno as reclamações e/ou justificativas são presenciadas com frequência na sala de aula; os professores não conseguem realizar um trabalho efetivo com a leitura, especificamente por que a maioria da turma trabalha no período do dia e justificam-se pela falta de tempo. Questionada sobre o que achava da leitura dos alunos um dos professores entrevistados responde que:

Precisa melhorar bastante... eles não tem... por mais que a gente incentive, eles sempre colocam pretexto para não ler, e existem alunos no ensino médio, isso na parte do noturno é... como é que diz... isso na parte do noturno, se torna mais difícil, por que tem aqueles que são resistentes, pra até na sala de aula ler um texto, no turno da manhã até que a gente consegue, mais a maior dificuldade ainda é na parte da noite.

Essa rejeição à prática de ler é justamente a ausência do hábito e a não valorização da leitura. Os alunos precisam entender a diferença entre ler se entregando à história e ler decodificando o texto, pois a leitura de entrega faz o aluno viajar por outros mundos. Com isso descobrir novas perspectivas, ter uma visão diferente a partir da ótica do seu próximo, abrir sua mente para novas culturas e aprender a respeitar as atitudes das pessoas em determinadas situações, já que a Literatura tem o caráter de humanizar.

O professor ainda encontra outra dificuldade que se refere a um projeto para a formação do leitor que a instituição não possui e dificulta o espaço para isso. Oos alunos não estão devidamente preparados para a leitura; preparação essa que parte do gosto por ler ou pelo menos, pela consciência de significação e importância da leitura, ao qual, a instituição pode enfatizar durante toda a trajetória escolar.

Precisamos reforçar para os nossos discentes que ler pode ser prazeroso. A leitura nos força a imaginar, a criar formas e cores, é uma relação profunda da história com nós mesmos, pois a nossa mente se concentra de uma maneira tão intensa, que durante a leitura o mundo a nossa volta fica em segundo plano e a nossa imaginação trabalha para dar vida ao que estamos lendo. Além de exercitar a mente é um momento prazeroso.

É necessário enfatizar as vantagens de ler e os benefícios que essa prática traz à vida dos alunos por que ainda não há uma consciência por parte deles sobre os benefícios que a leitura traz como podemos verificar no gráfico abaixo o que pensam os alunos sobre as contribuições que a leitura traz aos leitores:

Contribuições que a leitura traz ao leitor

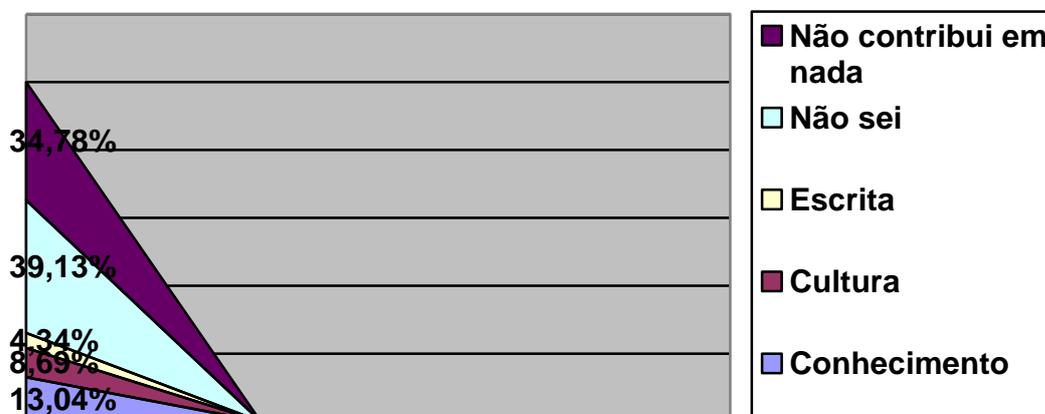


Gráfico 04: Fonte: Dados da pesquisa_Contribuições que a leitura traz ao leitor

A partir dessas respostas tivemos a oportunidade de verificar a ausência de uma importância significativa no hábito da leitura destes alunos porque não há um conhecimento do que a leitura pode proporcionar, os alunos lêem apenas por obrigação para adquirirem notas sem a devida conscientização. Uma das possíveis possibilidades para essa falta de conscientização é a ausência do fortalecimento por parte dos pais e dos professores desses benefícios trazidos pela leitura.

3.4 Quanto às obras literárias

Partindo desse pressuposto, visualizamos o aluno sem uma boa formação como leitor, já que a escola durante o ensino fundamental I e II não solicitam leituras ao aluno em uma quantidade relativamente significativa. Esse problema somado a falta de metodologia no trabalho com a leitura, leva o aluno a se deparar no ensino médio com a obrigação de ler obras consideradas clássicas, apresentando um bom desempenho. Verificamos essa presença dos cânones na pesquisa ao questionarmos qual foi a primeira obra lida. Como mais citadas apareceram às obras consideradas clássicas como: *Iracema*, *Dom Casmurro*, *Capitães da areia*, entre outros.

O uso destas obras clássicas em sala de aula sem o devido preparo para a recepção do aluno, interfere de modo relevante no entendimento deste e no prazer pela leitura, pois estas obras apresentam uma linguagem rebuscada com um vocabulário de nível elitizado nos quais o aluno encontra dificuldades no entendimento, como também nos aponta, Lajolo:

O escritor dá muita atenção a escolha e ao sentido das palavras, e à linguagem em toda a sua amplitude, porque quer estabelecer uma relação de cumplicidade com seu leitor. [...] Por isso, o escritor, em geral, trabalha muito sobre seu texto. (LAJOLO, 1944, p. 59)

Porém esta linguagem utilizada nas obras clássicas, às quais buscavam ser vistas como uma obra merecida de idealização, normalmente eram escritas por uma elite que buscava cumplicidade com a própria elite. Transformando a literatura numa relação de poder na qual eram impostas suas vontades, culturas e seus interesses. Por isso acreditamos que a linguagem dessas obras são um dos problemas responsáveis por algumas dificuldades enfrentadas pelos alunos, pois o vocabulário dificulta a interação do aluno com o livro. Esses clássicos chegam às mãos dos alunos que vivem em outra realidade, diferente daqueles que a escreveram. São recebidas sem prestígios e sem

entusiasmos já que a maioria dos alunos não tem domínio da linguagem escrita nesse tipo de obra, tornando a obra chata.

Autores e leitores são constituídos por sua posição cultural e social, pois o ato de leitura é a seu modo político. (...) A linguagem, matéria de que se nutre a literatura, sendo parte da vida política e social, não só molda nossas percepções como é moldada pelo social. Sendo capital na percepção da realidade, a linguagem tem sido canalizada para atender aos interesses dos grupos dominantes. (REIS, 1992, p. 74)

Dessa forma, além da dificuldade do entendimento devido a linguagem, pode ocorrer um estranhamento ao texto fazendo com que o leitor não se identifique, ou seja, não veja nenhuma relação com a sua realidade ou sua cultura. Pois se a linguagem pode moldar nossas percepções o escritor transcreve a sua cultura e suas ideias que podem se diferir da realidade do leitor ocorrendo uma imposição da sua cultura à do outro, que nesse caso é usada para atender os interesses da elite.

A linguagem utilizada dessa forma reflete e expande os interesses dos grupos dominantes se tornando mais um mecanismo de dominação e poder, já que as classes inferiores tinham pouco estudo e aqueles que tinham, sofriam dificuldades para publicar. Deste modo se findou nas obras clássicas a visão da elite, fixando seus ideais.

Ao que se pode perceber as dificuldades relacionadas à linguagem dessas obras também aparecem como reclamações dos alunos. Ao serem questionados sobre as dificuldades na leitura de obras obtivemos como resposta dificuldades que se referem à linguagem, que nos apontam também a fragilidade do letramento, como nos indica esses três alunos abaixo:

_ Sim tenho dificuldade no conceito da resolução do texto

_ Sim, pois muitas das vezes não consigo compreender o que a obra está relatando

_ Não consigo compreender todos eles

Faz-se necessário dar atenção ao vocabulário do aluno - que obviamente precisa ser melhorado -, porém é um trabalho gradual. Assim sendo, deve haver um aumento de leitura, oferecendo obras com um vocabulário rebuscado levando-se em conta a ampliação do vocabulário e não um choque cultural. Ignorar esse problemática da pouca bagagem literária é uma postura completamente errônea por parte da escola e do sistema de educação.

Ao escolher essas obras para a realidade de escolas públicas a instituição peca, pois como já discutidas no parágrafo anterior possuem uma linguagem com um vocabulário direcionado a pessoas com uma grande bagagem de leituras. Essa preocupação também é compartilhada pela maioria dos professores que buscam despertar no aluno o gosto pela leitura. Quando perguntados sobre o critério de seleção das obras trabalhadas pudemos constatar esse cuidado nas respostas dos professores A e B:

Professor A

Na verdade a gente se reúne todo bimestre... né? E tem “AC” toda semana e a gente discute temas, sub-temas, a gente discute propostas, projetos e a gente tenta articular isso e usar a literatura pra... né? Até mesmo não só pra não usar só pro contexto literário, mas assim, trazer o hábito pelo gosto da leitura, pra discernir melhor.

Professor B

Eu procuro sempre ver um romance no caso que desperte o interesse pela leitura, por que se você for procurar por exemplo um Jorge Amado ou outros assim, eles não tem muito o hábito da leitura aí com certeza irão sentir dificuldades.

Então, as obras que fazem parte do cânone proporcionam dificuldades de entendimento ao aluno devido à linguagem abordada na obra, pois as obras clássicas são obras escritas a um tempo anterior ao nosso e a sua linguagem corresponde a sua determinada época. Somado a isso o problema da ausência de um letramento eficaz impede o aluno de compreender o sentido da obra e provoca estranheza do vocabulário. Já que o aluno não está habituado a essa linguagem e/ou não contém o conhecimento mínimo dessa época, ele não consegue compreender o enredo, não consegue atribuir significado à obra, e com isso a obra não desperta nenhum sentimento no aluno afastando por completo o prazer da leitura

Quando o discente se encontra nessa situação, a obra o faz pensar que essa leitura não é para ele, não fala para ele, e não tem nenhuma ligação com ele e a sua realidade. Porém, há uma cobrança da escola aos professores para se trabalhar com essas obras, ainda com vistas à linguagem e à influência que estas obras tem, além das provas de vestibulares, que ainda utilizam as obras clássicas como preferências quase que exclusiva na suas provas. Em concomitância com Reis:

Nas artes em geral e na literatura, que nos interessa mais de perto, cânon significa um perene e exemplar conjunto de obras –os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres –, um patrimônio da humanidade (e, hoje percebemos com mais clareza, esta “humanidade” é muito fechada e restrita) a ser

preservado para as futuras gerações, cujo valor é indisputável.
(REIS, 1992, p. 70)

Humanidade fechada, a qual não diz respeito ao mundo do aluno de uma escola pública, por se tratar de obras não acessíveis ao seu entendimento, leva a eliminação de uma possível leitura por prazer ou por fruição, pois o que o professor deve visar é a conquista do aluno ao prazer de ler.

Esse afastamento do prazer pela leitura fica claro ao observarmos as respostas dos professores quando propomos a pergunta de caráter pessoal a respeito da quantidade dos alunos que gostam de ler:

Professor A

Que gostam eu diria uns 40% os que não gostam uns 50%... e 10 ficam num meio termo

Professor B

Eu acho que em torno de uns 20% que gostam de ler...

Apesar da divergência de porcentagem descritas pelos professores entrevistados, interessa a nós a quantidade sempre menor dos alunos que gostam de ler sendo os que não gostam uma quantidade superior; essa estatística já se tornou comum em conversas entre professores como se fosse uma realidade estagnada e sem solução. Sabemos que são várias as ramificações do problema mesmo assim temos que nos transformar enquanto professores dessa área em eternos buscadores de soluções nos inquietando com essa realidade.

Precisamos testar novos métodos no trabalho com a leitura, nos dedicarmos a pesquisas nesse campo para diminuirmos essa proporção e modificar o conceito que o aluno tem da literatura como se esta fosse uma arte alienada a sua realidade. Ivanda nos aponta que:

A carência de noções teóricas e a escassez de práticas de leituras literárias são fatores que contribuem para que o aluno encare a literatura como objeto artístico de difícil compreensão. Essa situação é certamente herança das lacunas do ensino fundamental, como também decorre do próprio encaminhamento dado ao estudo de literatura no ensino médio, considerando, por exemplo, a seleção inadequada de obras literárias, sem levar em conta as leituras prévias dos alunos e as expectativas desse público-leitor. Além disso, as técnicas de abordagem ao texto literário não são diversificadas, contribuindo para que o educando desenvolva uma compreensão mitificada e homogênea do fenômeno literário.
(MARTINS, apud Buzen, e Mendonça [orgs.] 2006, Pag 84)

Na escola não se lêem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos (GERALDI, 1984) com isso, os alunos se habitua a essa atividade a qual eles podem responder apenas lendo um resumo na internet ou um fichamento, especificamente quando as obras selecionadas são distantes dos alunos e não os tocam ou instigam, despertando o desejo ou a curiosidade para ler.

A leitura longe da realidade dos alunos, é o resultado de um trabalho com obras canonizadas sem a devida formação dos leitores-alunos. Quando questionado aos alunos participantes da pesquisa sobre o que achavam das leituras solicitadas pela escola as respostas refletiram uma relação sem sentido. Percebe-se claramente que eles não sabem o porquê lêem e o quanto a leitura prazerosa e significativa não chega até eles. Nas respostas obtidas apenas um aluno demonstrou saber o porquê estava lendo de acordo com ele a leitura é “Muito importante para o nosso desenvolvimento crítico intelectual”, o restante das respostas quando não negativas eram vazias ou apenas respondidas como “boas” enquanto aqueles que responderam criticando deixaram claro o porquê essas leituras não agradam, de acordo com eles: “é cansativo”, “não são interessantes”, “péssimos”, “Um tédio, horrível”, “Não satisfatória”, “Horrível”, “Muito chato”, “Muito ruim e quase não passa livros para os alunos”.

Estas leituras solicitadas na escola, consideradas como leituras por obrigação, na maioria das vezes têm como suporte os livros didáticos e estes deixam muito a desejar, pois apresentam poucos gêneros textuais e acabam por inferir a ausência do hábito de leituras literárias devido ao seu restrito e resumido espaço. Somado a isso existe a ausência de textos contemporâneos e a falta de acesso de autores que não fazem parte do cânone literário.

Vale ressaltar as atividades vazias e os exercícios que não fazem os alunos refletirem criticamente sobre o que leram e não incentivam os alunos a associar os temas da leitura a problemas reais. Essa associação poderia levar à uma discussão riquíssima fazendo os leitores refletirem, já que essa também é uma função importante da literatura. De acordo com Helder:

Os esquemas a colocar nos quadros, as datas, alguns poemas, que até decorei com o tempo, me foram ofertados pelo livros didáticos. Mas com o tempo, vamos percebendo que um livro difere pouco do outro. Que muitos textos se repetem e o que foi descoberta passa a ser limitação. [...] Ou seja, passei a perceber que os livros didáticos, que foram úteis para um jovem que não tinha condições de comprar livros, poderiam ser bem mais completos se privilegiassem mais a leitura dos textos (poemas, crônicas, contos, fragmentos de romances e peças teatrais, para

ficar só com alguns gêneros do domínio literário. (PINHEIRO, *apud.* MENDONÇA, 2006, p. 103)

O livro didático se tornou um objeto comercial e mero alvo de editoras em busca de lucros. Estão longe de se preocupar com a realidade dos alunos, ou buscar melhorias para o seu aproveitamento por parte daqueles. O livro deveria ser utilizado como um grande reforço para os professores pois todos os alunos teriam a vantagem de ter em mãos, fazendo com que o trabalho incluísse toda a turma através do acesso ao conteúdo. Entretanto, acaba sendo um material pouco usado, já que não tem muito a oferecer devido às suas atividades e seus gêneros literários resumidos.

Com isso, o professor sai prejudicado, uma vez que, precisa utilizar o livro como suporte. Com a ausência de gêneros literários completos o docente não tem artifícios nem argumentos para conquistar o leitor e fazê-lo se apaixonar pelas leituras especificamente de obras literárias. Enfatizamos a importância de se apaixonar por que é a partir desse afeto pelo livro que o leitor se entrega ao enredo do livro, extraindo o que tem de melhor da leitura.

Precisamos trilhar o caminho da conquista do leitor, enfatizando o prazer e a leitura por fruição além, de proporcionar um mergulho no universo cultural das pessoas e permitir espaço para discussão dos mais variados temas. É preciso que o leitor coloque vida no seu texto e consiga penetrar no mundo do livro que está lendo. Portanto, é preciso vivenciar o livro. Lajolo enfatiza que:

[...] a literatura é também uma importantíssima fonte de conhecimentos, porque através dos livros aprendemos muito sobre o mundo que nos rodeia. É sempre mais fácil aprender quando nos divertimos, e a literatura pode fazer estas duas coisas: divertir e ensinar. Outra função da literatura é a de expressar a cultura, os valores, as tradições dos povos. É isso o que transmitem muitos textos literários. (LAJOLO, 1944, p. 62)

É possível fazer um trabalho conjunto, visando o conhecimento desejado e o gosto de ler. O ensino de literatura não trabalha esse lado do prazer da obra, a escola se ocupa na maior parte do tempo em trabalhar com dados históricos com características dos estilos literários e com a linguagem, seguindo o caminho oposto ao que venho discutindo aqui. Não se pode mais continuar o trabalho com a leitura sem conscientizar os alunos sobre os benefícios que a leitura pode trazer. É preciso que seja implantada uma disciplina que se ensine a ler, pois na maioria dos casos o problema que causa afastamento dos alunos e a falta de motivação está relacionada ao não conhecimento do que é e de como se faz leitura.

As orientações curriculares apresentam uma discussão feita por Cândido (1995), em que defende a inclusão de obras canonizadas na sala de aula. O argumento baseia-se em não privar um aluno da rede pública de uma obra “bem escrita”:

Em nossa sociedade há fruição, segundo as classes na medida em que um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mário de Andrade. Para eles, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas. (CÂNDIDO, 1995, p. 256-257, apud BRASIL)

Em relação a privilegiar a literatura brasileira e incluir obras contemporâneas, considero positivo, pois a escola precisa (dentro do possível) estar atualizada e contextualizar a realidade dos alunos com o objetivo de envolvê-los. Utilizar-se de obras que durante a seleção os professores tenham visado a recepção dos alunos, para que não haja evasão por parte dos discentes em relação a prática de ler. Contudo, a visão exacerbada das orientações curriculares, parecem não conhecer a realidade dos nossos alunos da rede pública, os quais não tem uma boa bagagem de leitura e nem o apreço por este hábito.

É preciso discutir-se muito sobre a literatura que se trabalha em sala de aula, pois ela funciona como um intermédio de contato entre alunos e leitura literária. Muito se tem a oferecer em termos de conhecimentos e visões de mundos diferentes prescritas pelos autores nessas obras; isso entre outras coisas justifica a sua indiscutível importância.

Outro ponto importante se refere a importância da teoria literária. Conhecimento e o uso de determinados pontos da teoria literária traz para o contexto da sala de aula. Segundo Martins:

No ensino médio a sistematização De certos conceitos específicos da teoria e crítica literárias precisa alcançar maior profundidade, exigindo-se do aluno um repertório mais amplo de leituras e o conhecimento da organização estética da obra literária. A carência de práticas de leitura literárias são fatores que contribuem para que o aluno encare a literatura como objeto artístico de difícil compreensão. (MARTINS, apud Buzen, e Mendonça [orgs.] 2006, p. 83)

O conhecimento por parte dos alunos sobre alguns conceitos da teoria literária aproxima o aluno deste mundo tão desconhecido e inicialmente sem sentido que é a literatura, ajudando-os a entender o porquê lêem obras literárias, como foram escritas e porque são tão valorizadas. Consequentemente contribuindo para que ocorra uma

interação entre o leitor e o texto proporcionando aos alunos um maior entendimento sobre obras literárias. Esta interação visa diminuir o distanciamento do aluno, pois de acordo com Martins (2006):

Não cabe mais continuar privilegiando uma escolarização inadequada da literatura, encarando-se o texto literário, como simples pretexto para questões de análise gramatical. Também a escola não deveria continuar trabalhando a literatura como um fenômeno isolado das outras disciplinas, privilegiando enfoques estruturalistas, formalistas biográficos de abordagem do texto literário, subestimando o papel do aluno-leitor na reconstrução textual. (MARTINS, apud Buzen, e Mendonça [orgs.] 2006, p. 91)

Além disso, é preciso citar a importância da metodologia. Acreditamos que os problemas do ensino da literatura não estão nos conteúdos trabalhados em sala de aula, mas no modo como eles são abordados, dada a ausência de uma discussão metodológica capaz de auxiliar a prática pedagógica. (cf. Bordini & Aguiar, 1983, *apud* Martins, 2006), ou seja, existe uma carência de metodologia nas salas de aula e o sistema de educação precisa estar atento a esse problema buscando e ouvindo os profissionais que buscam por meio de pesquisa ou prática de sala de aula os melhores caminhos para o trabalho da leitura.

Geraldi (2002), propõe sugestões para um trabalho com leitura em sala de aula, de acordo com o autor poderia ser utilizado um período durante a semana para a leitura em sala de aula, uma leitura aparentemente sem cobrança por parte do professor, mas este deveria estar anotando a quantidade de leitura feita pelos alunos desviando a avaliação feita por roteiros, fichas de leituras entre outros, para uma avaliação de quantidades de leituras sendo que a qualidade das leituras é decidida pelos professores ao escolherem os livros. O autor nos aponta que:

Considerando a aplicação da proposta nos últimos quatro anos do fundamental, ao final cada aluno terá lido, no mínimo, quarenta romances, o que lhe permite efetivamente realizar estudos de literatura durante o segundo grau. (GERALDI, 2002, P.62)

Com isso o hábito da leitura seria implantado tornando a leitura uma atividade habitual ocorrendo possivelmente a eliminação do problema da falta de tempo para essa prática. Todavia, o professor deve programar o tempo da aula, para que seja trabalhado a leitura e a discussão sobre o livro visando o interesse e incentivo a leitura até o seu final. Dessa forma o professor alcançaria alguns objetivos com eficácia e mais proveito, diferenciando o seu trabalho daquele baseado em resumos ou aplicações de exercícios e

provas. Já que, conversas e debates ampliam a visão sobre a leitura, em razão de que ao expressar opinião cada leitor insere a sua cultura e a sua visão enriquecendo a interpretação da obra prolongando e envolvendo a turma na discussão. Perguntamos aos alunos como eles gostariam que a leitura fosse avaliada na escola, de acordo com os alunos:

Como você acha que a leitura deveria ser avaliada na escola?

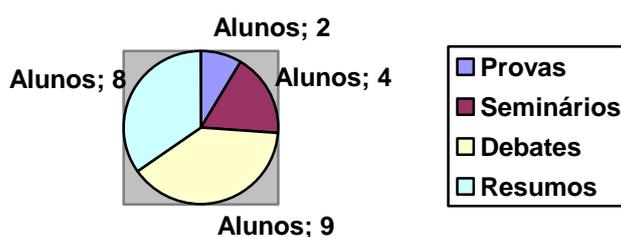


Gráfico 05: Fonte: Dados da pesquisa_Preferências dos alunos sobre métodos de avaliação da leitura.

Analisando os questionários respondidos percebemos que a maioria daqueles que optaram por resumos responderam também que não gostavam de ler, e isso pode ser justificado pela facilidade de acesso a resumos prontos na internet que podem ser encontrados com rapidez. Desta forma se faz necessário repensar essa atividade em sala de aula, pois ela não atinge o objetivo do professor que além de querer que o aluno conheça o enredo da obra, também almeja o contato do aluno com a leitura, a interação deste com o livro e a ampliação de sua cultura que o todo de uma obra proporciona. Acreditamos ser o debate uma das melhores e mais produtivas avaliações a leitura, especialmente se estiver ligada a sugestão de Geraldini que é o trabalho com a leitura em sala de aula. O debate além de abrir espaços para todas as opiniões e desenvolver idéias demonstrou nas respostas dos alunos ser a atividade mais atrativa o que consideramos positivo nessa busca a conquista do leitor.

Aplicando essa sugestão acreditamos que o aluno ingressaria no ensino médio com uma boa bagagem de leituras e já seria internalizado o hábito de ler na escola o que possibilita um maior aproveitamento de estudos literários e maiores rendimentos nas leituras, inclusive com obras clássicas. Precisamos aqui ressaltar que o problema das obras canonizadas na nossa perspectiva diz respeito ao grau de dificuldade e contato dos

alunos com a leitura, a autonomia e exclusividade que essas obras têm nas escolas e ao processo de canonização ao qual essas obras são escolhidas e não precisamente com os autores que fazem parte do cânone brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho monográfico teve como objetivo principal conhecer e aproximar-se dos problemas enfrentados por nós, enquanto professores, e pelos alunos, enquanto sujeitos leitores, durante o trajeto do ensino médio, no qual percebemos a carência de um trabalho de leitura produtivo.

Foi importante fazer uma reflexão teórica sobre os principais conceitos de leitura para somar e fortalecer nossos conhecimentos sobre essa atividade tão importante e tão delicada. A leitura, como pudemos perceber, devido a sua tamanha dimensão e importância como caráter formador, é a porta de acesso a qual os alunos precisam ultrapassar, guiados pelo professor. Com isso se faz importante aprofundar nossos conhecimentos sobre leitura, para entendermos as peculiaridades dessa prática.

Durante o percurso da pesquisa percebemos que o professor, por estar à frente à sala de aula, recebe a maior parte da responsabilidade do fracasso da leitura no país, que deveria ser dividida entre professores, instituição e sistema de educação. Essa culpa relativizada ao professor deve-se a uma cultura arcaica que apenas o professor de português e/ou literatura tem a responsabilidade de ensinar o aluno, como se essa responsabilidade não fosse de todos os professores inclusive de outras áreas. Além de que o professor precisa seguir uma linha pedagógica em concordância com a escola e o sistema de educação brasileira, não pode ser completamente autônomo na sala de aula.

Como pudemos constatar um dos possíveis fracassos dessa leitura deve-se inicialmente a pouca prática de leitura na escola, falta de influência no âmbito familiar, e a ingressão falida de obras canonizadas no ensino médio, que emitem para longe um dos principais focos no ensino de leitura, que a nosso ver, é a conquista do leitor.

Essas leituras canônicas como abordamos no 2º capítulo, são práticas comuns na escola como pudemos perceber, pois as orientações curriculares que funcionam como um guia para os professores e as seleções de obras dos vestibulares que exigem do aluno a leitura acabam induzindo o professor e os alunos à leitura desse tipo de obra, contribuindo para sua hierarquização.

Fizemos uma junção do conhecimento antes estudado, sobre a leitura e a literatura no ensino médio, para uma mais clara interpretação dos dados coletados na escola, tendo a possibilidade de comprovar de acordo com as respostas obtidas, algumas das principais dificuldades que os alunos de ensino médio enfrentam. Entre elas, a

ausência do hábito da leitura no seu cotidiano, os problemas com a linguagem encontrada em obras literárias clássicas, a falta de construção de sentido sobre a leitura e a própria não formação de um aluno-leitor. Esses pontos somados, nos levam à concluir que uma das raízes do problema é a pouca leitura. Possivelmente infiltrando um hábito de ler na escola poderia ocorrer uma fragilização dos outros pontos aqui comentados aproximando mais os alunos da leitura.

Dessa forma, chegamos ao final desse estudo cientes de que muito ainda temos de conhecer e aprofundar sobre os problemas relacionados à leitura em sala de aula, especialmente tratando de leituras literárias no ensino médio. Ressaltamos que esse trabalho é apenas uma pequena busca de entendimento dos problemas, devido a extensa dimensão deste quadro, que completam a realidade dos nossos alunos na escola e que se tratando de pesquisa em educação, é um trabalho que merece sempre ser aprofundado e discutido.

Com vistas a minha formação docente, esse estudo contribui de forma singular na ampliação de minha experiência com a leitura em sala de aula e algumas prováveis dificuldades vivenciadas pelos meus alunos, me levando a refletir sobre as suas realidades e a importância do desenvolvimento dos mesmos nessa prática de ler.

Por fim, acredito que realizamos os objetivos previstos inicialmente, ainda que resumidos. Espero que este estudo possa contribuir para o trabalho com obras literárias no ensino médio e que forneça novas visões para a continuação de um trabalho que busque a infiltração da leitura nos hábitos dos nossos futuros leitores pós-escola.

REFERENCIAS

ALVES, Rubem. **Ao professor, com Meu Carinho**. Campinas, SP: Verus Editora, 2004.

BITTAR, João. Um terço dos alunos que deviam estar no ensino médio estão no fundamental. 2012. <disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/noticias/21786/um-terco-dos-alunos-que-deviam-estar-no-ensino-medio-estao-no-fundamental>> Acesso em: 17 nov. 2012, 20:44

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 6 ed. São Paulo Cortez Autores Associados, 1992.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo. Contexto, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.

DESCARTES, René. **Discurso do Método: Meditações, Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas; introdução de Gilles-Gaston Granger; prefácio e notas de Gérard Lebrun; tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior**. – 2. ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1979. Col. Os pensadores

FURTADO, Magda. **Clássicos ou contemporâneos? A mediação da escola na formação o leitor**. In: PAULINO, Graça.; COSSON, Rildo (org.) **Leitura Literária: a mediação escolar**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

G1. Número de leitores caiu em 9,1% no país em quatro anos, segundo pesquisa. 2012. <disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/numero-de-leitores-caiu-91-no-pais-em-quatro-anos-segundo-pesquisa.html>> Acesso em 10 nov.2012, 19:30

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 13 ed. Campinas: Pontes, 2010.

KOTHE, Flávio Rene. **O cânone colonial**. Brasília, DF: Editora da UnB, 1997.

MARTINS, Ivanda. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor**. IN. Buzen, Clécio. MENDONÇA, Márcia (orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária**: introdução à problemática da literatura. São Paulo: Melhoramentos, 1928.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. . **Coisas que todo professor de português precisa saber**: a teoria na prática. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas**: Escolha e Valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PINHEIRO, Helder. **Reflexões sobre o livro didático de literatura**. IN. BUZEN, Clécio. MENDONÇA, Márcia (orgs.). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola editorial, 2006.

REIS, Roberto. Cânon. IN. JOBIM. J.L. (org) Palavras da crítica. Tendências e conceitos no estudo da Literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SILVA, Ezquiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura, São Paulo: Cortez 1948.

VIGOTSKI, L.S. **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schileing. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura & Realidade Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte. Autêntica, 2003.

SOARES, M. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). Leitura: perspectivas disciplinares. São Paulo: Ed. Ática, 2000. p. 18-29.

TRAJANO, Humberto. Estudante aponta dedicação e leitura para redação nota 1000 no ENEM. 2012. <disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/08/estudante-aponta-dedicacao-e-leitura-para-redacao-nota-1000-no-enem.html>> Acesso em 28 nov. 2012, 22:50

VARGAS, Suzana. Leitura: uma aprendizagem de prazer. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

Origem da palavra site de etimologia. 2005. <disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/vestibular>> Acesso em 09 nov. 2012, 20:20

ANEXOS

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES

1- As obras trabalhadas em sala de aula são indicadas ou o professor tem a liberdade de escolher?

2- Qual o critério de escolha?

3-Quais obras você considera mais importantes para o trabalho com alunos no ensino médio?

4- Como você analisa a leitura dos alunos ?

5- Quais são as maiores reclamações dos alunos na hora da solicitação da leitura?

6- De acordo com a sua experiência em sala de aula, se fosse para analisar em porcentagem, na sua opinião quanto por cento dos seus alunos gostam de ler essas obras pedidas pela escola e quanto não gostam?

QUESTIONÁRIO 1

Este questionário é uma peça fundamental de um projeto de pesquisa que se destina a recolher informações sobre as relações dos alunos com as obras literárias no Ensino Médio. O questionário contém 7 questões e leva cerca de 5 minutos para a conclusão. Antecipadamente o meu agradecimento pela sua valiosa contribuição.

Seu sexo _____

Sua idade _____

1- Quantas obras literárias você já leu?

Nenhuma de 1 a 5 de 5 a 10 acima de 10

2- Qual foi a primeira obra que você leu?

3- Quem indicou a você essa leitura?

Um amigo Uma professora Meus pais N.D.A Justifique

4- que tipo de livro você gosta de ler?

4- O que você acha dos tipos de leituras solicitadas na escola?

5- Você tem alguma dificuldade na leitura de obras literárias solicitadas pela escola? Qual (is)?

6- Que tipo de obra ou livros você gostaria que a escola solicitasse?

QUESTIONÁRIO 2

Este questionário traz contribuições significativas sobre as relações dos jovens estudantes do ensino médio com a leitura no seu dia-a-dia e as suas opiniões sobre essa prática sendo de fundamental importância para o desenvolvimento desse estudo. O questionário é composto por 8 perguntas e todas de caráter objetivos. Antecipadamente o meu agradecimento pela sua participação.

1- O que você costuma ler no seu dia-a-dia?

- Romances, contos e/ou poesias
- Jornal
- Revistas
- Não gosto de ler

2- Quantos livros você tem em casa?

- Acima de 30
- Uma média de 20 livros
- Acima de 10
- Abaixo de 10
- Não tenho livros em casa

3- O que você costuma fazer no seu tempo livre?

- Ler
- Acessar a internet
- Assistir TV
- Praticar esportes
- Jogar videogames

4- Que contribuições você acredita que a leitura de obras literárias traz ao leitor?

- Conhecimento
- Leitura

- Escrita
- Todas as alternativas anteriores
- Não contribui em nada

5- O que você acha da livraria da sua escola?

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim (insuficiente)
- Não frequênto a biblioteca

6- Com que freqüência você visita a biblioteca na escola?

- Todos os dias no intervalo
- Sempre que tenho tempo livre na escola
- Quando preciso fazer alguma pesquisa
- Raramente
- Não frequênto

7- Como você acha que a leitura deveria ser avaliada na escola?

- Provas
- Seminários
- Debates
- Resumos